

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de História

Tamires Martins dos Santos

**As representações de gênero nos livros didáticos de alfabetização e  
letramento de 1923-1950.**

SÃO PAULO

2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Tamires Martins dos Santos

Texto apresentado como resultado final das pesquisas referentes ao projeto: “Ensino de História e livros didáticos no LEMAD - Laboratório de Ensino e Material Didático”, que foi incluído no programa Ensinar com pesquisa 2011, fomentado pela Pró Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo.

SÃO PAULO

2012

## Sumário

<b>Introdução</b>	4
<b>Justificativa da temática e metodologia</b>	5
<b>1- Livros de leitura, de composição e cartilhas: Um panorama, uma conceituação</b>	
1.1- O início: a importância dos livros de leitura e cartilhas.	7
1.2- As décadas de 1920-1950: Contextualização histórica, idéias, programas e Métodos educacionais.	8
1.3- Alfabetização, Leitura e letramento: Uma questão de método.	11
<b>2- O Estudo das representações de gênero.</b>	
2.1- Um panorama	13
2.2-As mulheres, meninas e moças	16
2.3-Os homens, meninos e rapazes	17
2.4- Exemplos contidos nos livros didáticos analisados	19
<b>Conclusão</b>	58
<b>Bibliografia</b>	60
<b>Referências bibliográficas</b>	60
<b>ANEXOS</b>	
Tabela contendo informações sobre livros didáticos utilizados na pesquisa	62

## Representações de gênero em livros didáticos

### Introdução

A presente pesquisa, que foi realizada sob orientação da professora Doutora Antônia Terra de Calanzas Fernandes teve como principal objetivo demonstrar as representações de gênero presentes em livros didáticos de alfabetização e letramento dos anos 1923 - 1950. Seu início deu-se no mês de junho do ano de 2011 fazendo parte de um projeto maior chamado “Ensino de História e livros didáticos no LEMAD - Laboratório de Ensino e Material Didático”, que estava incluído no programa Ensinar com pesquisa, fomentado pela Pró Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo.

Em tal projeto a prioridade foi proporcionar aos alunos bolsistas não somente o contato com livros didáticos de diferentes contextos históricos, como também a realização de organização de acervo específico e envolvimento em pesquisa, sendo que esse último item deu aos participantes a oportunidade de escolha de um tema de estudo com o qual tivesse familiaridade e/ou interesse.

A escolha do nosso tema : “O estudo das representações de gênero em livros didáticos”, foi despertado ainda antes do nosso ingresso no projeto, através de atividades realizadas individualmente , como frequência em cursos existentes no Museu Paulista da USP, que nos proporcionaram não somente um arcabouço teórico – Leituras, apresentações-, como também um contato com outras pessoas que também estudam a questão de gênero, com maior foco em cultura material. Entretanto, ao termos tido contato com o acervo de livros didáticos no Lemad, em especial com aqueles que têm um cunho voltado para alfabetização e letramento<sup>1</sup>- Cartilhas, livros de leitura e composição-, percebemos o quão profícuos tais livros se mostravam para nosso objetivo.

---

<sup>1</sup> Até o momento em que iniciamos nossas atividades no LEMAD- Laboratório de Ensino e Material Didático- da Universidade de São Paulo, esses livros ainda não haviam sido catalogados e ou/ utilizados como objetos de estudo e pesquisa por parte dos bolsistas, pois o principal foco dos projetos lá realizados são os livros de História. Entretanto , durante divisão de tarefas realizadas por meio de conversa com a professora, obtivemos a autorização de realizar atividades com tais livros.

## Justificativa da temática e Metodologia

Para realização das nossas atividades, a partir do acervo com o qual tivemos contato (composto por um total de 369 livros catalogados em planilha simples, sendo que desses 33 são relacionados à alfabetização, letramento e “leituras iniciais”), selecionamos um corpus documental composto por nove livros, sendo a maioria deles (cinco) cartilhas, todos correspondentes ao nível de ensino primário, (hoje denominado Ensino Fundamental 1, composto pelo ensino de 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> séries ou 1<sup>o</sup> ao 5<sup>o</sup> ano), pois acreditamos que nesse nível, a maioria das crianças tem a *“primeira experiência escolar sistematizada, o que confere um significado muito importante ao processo de transmissão ideológica (..) e pela função essencial que tem o nível de ensino primário, no entendimento do papel escolar como um todo em relação à sociedade global”*<sup>2</sup>.

Partimos também do pressuposto que os livros didáticos são artefatos culturais.

Segundo definição de Pires (2004):

Os livros didáticos são considerados **artefatos culturais** pela carga de significados que eles possuem, **carregando marcas de classe, de etnia, de religião, de gênero, de sexualidade e de geração e, sobretudo, porque estão presentes no dia-a-dia escolar**, ora manifestando ora silenciando vozes, constituindo e legitimando, assim, determinadas representações e identidades. (grifos nossos).

Trabalhar com a concepção de que livros didáticos são também, artefatos culturais, nos possibilitou uma compreensão mais profunda de alguns elementos que contribuem para fomentar determinadas representações, em especial as de gênero. No que se refere à concepção de “representação” adotamos o conceito de Woodward (2000) :

A **representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais significados são produzidos**, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. **Podemos inclusive**

---

<sup>2</sup> DEIRÓ, Maria de Lourdes Chagas. *As belas mentiras: A ideologia subjacente aos textos didáticos*. 13<sup>a</sup> edição 2005. Centauro Editora, São Paulo, SP. pp 20, 21.

**sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar.** (grifos nossos).

O livro didático se mostra enquanto um objeto de natureza complexa, sendo, como dito por Circe Bittencourt “um objeto de múltiplas facetas”, cujo interesse está presente em muitos campos de investigação. E o campo de estudos de temáticas referentes a gênero é um deles. Pois os livros didáticos são, muitas vezes os primeiros ou os únicos livros com os quais os alunos terão contato, possuindo até mesmo um “ar” de autoridade constituído na instituição de ensino, fomentando imagens ou legitimando padrões sociais.

## **Livros de leitura, de composição e cartilhas: Um panorama, uma conceituação.**

### **O início: a importância dos livros de leitura e cartilhas.**

Os livros de leitura, composição e cartilhas, considerados como fundamentais para a formação dos alunos que freqüentavam escolas ou estavam tendo seu primeiro contato com o que convencionou-se atualmente chamar de “alfabetização”, eram considerados como “os pilares do ensino” em algumas épocas. Muitas vezes, eram os únicos tipos de livro com os quais os estudantes tinham um contato formal, possibilitando a inserção num projeto de ensino “sistematizado”.

Sua importância aqui no Brasil deu-se ainda na época do Império, com as chamadas “escolas régias”, que não tinham um modelo de ensino seriado, ou seja: que classificasse os alunos e salas homogêneas por idade e desempenho. As salas eram “mistas” neste sentido, e a única forma de acompanhar o andamento dos estudantes, muitas vezes era através dos chamados livros de leitura. O professor não “dava aulas” da maneira como concebemos nos dias atuais. Ele (a) “tomava” as lições dos alunos, verificando se eles haviam compreendido e apreendido as proposições de soletração, silabação, ou mesmo as “historietas” neles contidas. Ainda nessa época a possibilidade de escolarização era restrita a maior parte da população. Tais obras ganharam ainda mais importância nos anos 1890, com algumas reformas educacionais, em especial no estado de São Paulo, que implementou uma reforma na instrução pública, *pretendendo servir de modelo para os demais estados essa reforma iniciou-se com a organização da “Escola normal” de São Paulo e a criação da escola-modelo anexa.*<sup>3</sup>

Esse período, já denominado como republicano, estava repleto de ideologias que atuavam em diversas frentes. Nas características e legislações relacionadas à urbanização, saúde, política, e, como parte não menos fundamental, na educação.

Como dito por Mortatti (2006):

---

<sup>3</sup> MORTATTI, Maria Rosário Longo. 2006, p.6.

No âmbito desses ideais republicanos **saber ler e escrever se tornou instrumento privilegiado de saber/ esclarecimento e imperativo da modernização e desenvolvimento social.** A leitura e a escrita, que até então eram práticas culturais cuja aprendizagem se encontrava restrita a poucos e ocorria por meio de transmissão assistemática de seus rudimentos no âmbito privado do lar, ou de maneira ainda precária nas poucas “escolas” do Império (“aulas régias”) , tornaram-se fundamentos da escola obrigatória, leiga e gratuita e objeto de ensino e aprendizagem escolarizados. **Caracterizando-se como tecnicamente ensináveis, as práticas de leitura e escrita passaram assim, a ser submetido a ensino organizado sistemático, intencional, demandando para isso, a preparação de profissionais especializados.**

Desse ponto de vista, os processos de ensinar e aprender a leitura e a escrita na fase inicial de escolarização de crianças se apresentam como um momento de passagem para um mundo novo- para o Estado e para o cidadão -: o mundo público da cultura letrada , que instaura novas formas de relação dos sujeitos entre si com a natureza, com a história e com o próprio Estado: Um mundo novo que instaura enfim, novos modos e conteúdos de pensar, sentir, querer e agir. (grifos nossos).

Ou seja: a leitura e a escrita eram fatores fundamentais para a formação de “verdadeiros cidadãos nacionais”, ainda que muitas das “imagens valorativas” de civilização tivessem como “espelho” os modelos europeus, em especial os franceses e os ingleses.<sup>4</sup>

### **As décadas de 1920 à 1950: contextualização histórica, idéias, programas e métodos educacionais.**

O período que selecionamos como recorte temporal ainda contém resquícios desse início republicano. Todavia é considerado como marcado por inúmeras mudanças.

Como dito por Veiga (2007) apud Araújo e Martins :

---

<sup>4</sup> A esse respeito, como fonte de consulta pode ser acessado o Acervo de anúncios publicitários das lojas Mappin, que estão sob guarda do Museu Paulista da USP, e a Dissertação de Mestrado de BONADIO, Maria Cláudia. *Moda: Costurando mulher e espaço público.* O estudo sobre a sociabilidade feminina na cidade de São Paulo, 1913-1929. UNICAMP, 2000.



O período das décadas de 20 a 50 é marcado por várias agitações políticas, dentre as quais podemos destacar a revolução de 1930, que culminou na ascensão de Getúlio Vargas à presidência, o recrudescimento do movimento operário, do movimento tenentista, da fundação do Partido Comunista (1922) da Coluna Prestes ( 1924), a industrialização, a expansão urbana e o movimento modernista- Semana de arte moderna (1922).

Como já explicitado essas décadas são caracterizadas pela profusão de muitas mudanças. Nas décadas de 1920 e 1930, por exemplo, muitas cidades, principalmente aquelas consideradas estratégicas- como São Paulo- , estavam passando por verdadeiros processos de transformação urbana, mudança das paisagens locais, aumento da infraestrutura- colocação de mais transportes públicos, “melhoria” de vias, estruturação de uma rede elétrica e de tubulações de gás, etc-, o que também era refletido no comportamento social. Com o advento dessa “modernidade”, muitos padrões comportamentais até então colocados como absolutos começaram a ser postos em questionamento, tanto na vida cotidiana como em conceituações “científicas” . A moda, por exemplo, principalmente na década de 20 colocava em “xeque” as delimitações dos gêneros masculino e feminino, sendo que as vestimentas e cortes de cabelo de ambos os gêneros, muitas vezes chegavam a se “confundir”. Para as mulheres, com os vestidos de comprimento mais curto e a não necessidade de demarcação da cintura, a semelhança com o “corte H (reto)” da roupa masculina se tornava latente. Os cabelos curtos, a *la garçonne* também se assemelhavam aos cortes de cabelo masculino. A relação inversa de semelhança, entretanto, também se dava. Os pijamas de ambos os gêneros eram parecidos. Os cortes e as estampas em motivos geométricos e listas eram praticamente idênticos, fazendo com que as representações em anúncios publicitários tivessem até mesmo figuras com um caráter um tanto andrógono.<sup>5</sup> No que se refere ao âmbito educacional, podemos citar Araújo e Martins :

É dessa época ( 1924) a criação, no Rio de Janeiro, da Associação Brasileira da Educação ( ABE) , por um grupo de educadores inspirados nas idéias pedagógicas escolanovistas que circulam nos Estados Unidos e na Europa. É nesse contexto sócio-histórico que as reformas educacionais vão sendo conduzidas em São Paulo (1920), por Sampaio Dória, no Ceará (1922-23), por Lourenço Filho; em Pernambuco (1922-26), por Carneiro Leão, em

---

<sup>5</sup> A esse respeito consultar catálogos de moda dos anos 1920 das lojas *A casa Alemã* e *Mappin Stores*, bem como o livro de ALVIM e PEIRÃO: *Mappin 70 anos*. São Paulo: Ex-Libris, 1985.

Minas Gerais (1927- 28), por Francisco Campos e Mário Casasanta, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal (1928), por Fernando de Azevedo e na Bahia (1928) por Anísio Teixeira. **Os preceitos educacionais vigentes eram os da Escola Nova, que centraliza o processo educativo no aluno e propõe que a escola seja um laboratório de pedagogia prática, pregando o uso do método científico (observação, hipótese, comprovação e formulação da lei)** (VEIGA, 2007 P.128). Ainda, estavam em voga debates acerca de temas como **higienismo, eugenia, biologia, psicologia, sociologia, e metodologia de ensino** ( VEIGA, 2007, p 238).

(...) Assim, encontramos nos livros didáticos e nos manuais do professor reflexos desse contexto sócio-histórico. (grifos nossos)

Já as décadas de 1940 e 1950, tais projetos de urbanização estavam em voga, entretanto, um pouco mais consolidados. O que marca essa época é o advento de determinados aparelhos elétricos e eletroeletrônicos- advento da TV, maior popularização do rádio, surgimento de novos aparelhos domésticos, tais como enceradeiras, geladeiras, passadeiras, entre outros-, demonstrando o surgimento e consolidação de uma sociedade do consumo, que teve impactos tanto nas formas de sociabilidade quanto no âmbito do lar. A industrialização, os filmes norte-americanos e brasileiros, bem como as revistas e os jornais da época consolidavam as idéias de uma verdadeira “estética do desejo”.<sup>6</sup>

No âmbito político, o mundo passou pela segunda guerra mundial e teve seus reflexos. O Brasil, por sua vez, apesar do desejo de “neutralidade” inicial por parte de seu governo, acabou declarando guerra às potências do eixo.<sup>7</sup> E além disso tal governo tinha um caráter personalista, sendo realizado principalmente nos anos 1940 um verdadeiro culto “à Getúlio Vargas”, considerado por muitos daquela época como “o pai dos pobres”, devido à legislação trabalhista – CLT, ou Consolidação das leis do trabalho-, entre outros fatores. Essa “cultuação” ocorria também através do sistema escolar que através da revisão dos programas, valorização da educação moral e cívica e dos desportos, transmitia uma imagem ufanista do país, que era colocado enquanto “uma pátria bondosa”. Havia, também uma verdadeira hierarquia posta: pois existia, para essa pátria, também a figura de um administrador bondoso. A família mononuclear era vista

---

<sup>6</sup> SANTOS, Edgar Souza. *A caminho do lar: A narrativa dos anúncios de eletrodomésticos*. Tese de doutorado, PUC, 2009.

<sup>7</sup> Eixo formado por: Alemanha , Itália e Japão.

também como um ideal. Ela representava o orgulho da nação, e também uma forma de perpetuação de seus cidadãos. Dos bons cidadãos inseridos nesse ideal que figurava nas obras didáticas, manuais e veículos de comunicação.

### **Alfabetização, leitura, e letramento: uma questão de método.**

As décadas por nós abordadas são marcadas por modificações também nas metodologias de ensino da leitura e da alfabetização.

Ainda na primeira década da República, a forma utilizada pelas escolas para alfabetização e leitura era o chamado “**Método sintético**”, que procedia da “parte” para o “todo”. Ou seja: tinha um nível crescente de dificuldades, em forma de “etapas”. A tabela que o define é a seguinte:

#### **Pressuposto:**

#### **Aplicação prática:**

Soletração	Alfabético: partindo do nome das letras
Desenvolvimento fônico	Partindo dos sons correspondentes às letras
Silabação	Partindo dos sons correspondentes às sílabas
<b>Ensino da leitura:</b>	<b>Dava-se portanto início a fase da leitura, que começava sempre com um dos pontos assinalados acima: Ou com a soletração, ou com o desenvolvimento fônico, ou com a silabação. Logo, notamos que existia uma proposição didática de “fragmentação”. Não havia uma uniformidade.</b>

**Tabela 1: Exemplos das etapas do “método sintético” de alfabetização e letramento.**

Posteriormente, com o a fortificação da Escola normal de São Paulo, - que fora reorganizada ainda no ano de 1896-, o método que começou a ganhar mais força foi o

analítico que acabou por disseminar-se para outros estados brasileiros. Segundo Mortatti (2006):

**O método analítico**, sob forte influência da pedagogia norte-americana, baseava-se em princípios didáticos derivados de uma nova concepção de caráter biopsicofisiológico da criança, cuja forma de apreensão do mundo era entendida como sincrética (...) O ponto comum entre seus defensores consistia na necessidade de adaptar o ensino da leitura a essa nova concepção de criança. **De acordo com esse método analítico, o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo “todo” para depois proceder à análise de suas partes constitutivas.** (Grifos nossos).

Essa metodologia era composta de processos de palavração e sentencição (ou seja já partia das palavras diretamente, e para que essa fossem reconhecidas, muitas vezes eram colocadas figuras nos livros, para que fosse estabelecida uma “relação direta” por parte do aluno). Entretanto, algumas divergências começaram a surgir já no início da grande difusão, pois não havia uma opinião homogênea do que seria esse todo. Para uns era a palavra, para outros a sentença, e para alguns a “historieta” em sua totalidade. Apesar de a historieta ter sido institucionalizada como oficial em São Paulo, as discordâncias continuaram a existir.

A discussão a respeito de qual dessas metodologias deveria ser adotada perdurou até meados da década de 1920, quando no Estado de São Paulo foi votada a Reforma Sampaio Dória, que pregava a “autonomia didática”. Apesar de continuarem as contrariedades principalmente com relação ao método analítico- que era considerado lento por muitos docentes-, o que tomou mais força foi à busca de novas proposições *de solução para os problemas de ensino e aprendizagem iniciais da leitura e de escrita*.<sup>8</sup>

Tanto que já na década de 1920 e nas seguintes houve uma tentativa – que logrou êxito– de se *utilizar métodos mistos ou ecléticos, (analítico sintético ou vice-versa), considerados mais rápidos e eficientes*.<sup>9</sup>

Notamos, por conseguinte, que a educação nesse período abarcado pela pesquisa continua enquanto fator de caráter estratégico, ainda que permaneça com a maior parte do acesso restrito a alguns grupos (elites e classes médias emergentes- ou seja, formada

<sup>8</sup> MORTATTI, Maria Rosário Longo ( 2006), p.8.

<sup>9</sup> Idem.

por funcionários públicos, profissionais liberais, donos de pequenos e médios negócios, etc). Mas, ainda sim é fundamental, pois é através do processo formativo institucionalizado, de suas vivências e materiais que são transmitidos e corroborados alguns valores.

## O estudo das representações de gênero

### Um panorama

Os estudos de gênero enquanto categoria de análise e pesquisa surgiram com maior força no final do século XX, e na década de 1970, ainda no cenário de estudos sobre a mulher nos Estados Unidos, a categoria “sexo” foi substituída por gênero, com o *“objetivo de sublinhar o caráter social, econômico e especialmente político da diferença entre homens e mulheres”*<sup>10</sup>.

Desde então, as pesquisas relacionadas à questão tem sido cada vez mais numerosas, e apresentam trabalhos em diversas áreas, tais como História, Sociologia, Antropologia, Publicidade, Comunicação, Educação, etc. E conforme argumentação de Pires (2004):

No Brasil, nas últimas duas décadas é possível dizer que as pesquisas sobre as relações de gênero tem cada vez mais ocupado espaço na sociedade, transformando-se em conteúdo acadêmico, em assuntos de seminários em encontros nacionais, em tema aglutinador do interesse de muitos estudiosos em núcleos de pesquisa e grupo de estudo, e também em textos e matérias jornalísticas.

Notamos que tal temática também demonstra grande importância quando relacionada aos livros didáticos, principalmente naqueles que estão presentes na formação dos anos escolares iniciais.

---

<sup>10</sup> CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e Artefato*. O sistema doméstico na perspectiva da cultura material- São Paulo, 1870-1920. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp , 2008. p. 19.

Esses livros conhecidos como cartilhas, livros de leitura e/ou alfabetização<sup>11</sup>, são em grande parte das vezes os primeiros com os quais as crianças têm algum contato, e contém em si “um saber escolar sistematizado” no que se refere a proposições pedagógicas de aprendizado. Todavia, além de proposições de aprendizado, trazem também alguns preceitos de caráter moralizante e comportamental, colocando em certos pontos algumas das expectativas sociais que são esperadas para cada uma das crianças e suas respectivas “comunidades práticas”<sup>12</sup>.

Dentro de tais expectativas, notamos algumas referentes ao ambiente, ao trabalho à família, à pátria, entre tantos outros. Em grande parte das vezes tais elementos não se excluem, e sim se interrelacionam, sendo que a categoria de gênero também está aí incluída.

Carrie Paechter diz que a construção da identidade é algo contínuo e está em constante processo de negociação, e à medida que as relações de poder se modificam, também mudam as maneiras como as masculinidades e as feminidades são construídas, tratando-se portanto, de um processo dinâmico. Ou seja: No caso das crianças elas apreendem elementos de seus meios de convivência e interação social, - o que a autora chama de “comunidades de prática de masculinidade e feminidade” – sendo o desenvolvimento das identidades masculina e feminina um processo cognitivo, já que : *“a compreensão que as crianças te de si como meninos ou meninas e o que isso significa nos contextos em que vive é a força propulsora que subjaz às diferenças dos comportamentos entre os sexos”*.<sup>13</sup>

Ou seja: tratando-se de um processo cognitivo e dinâmico, ele pode ser aprendido, apreendido e modificado retirando e agregando elementos, entre outras questões. Logo, o livro didático demonstra sua importância: por estar incluído em um dos três lugares

---

<sup>11</sup> O conceito de “alfabetização” foi institucionalizado no Brasil somente na década de 1910. A esse respeito ler: MORTATTI, Maria Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil, 2006.

<sup>12</sup> Conceito adotado por Carrie Paechter, que se relaciona aos diferentes grupos de agência em que cada uma das crianças e/ou jovens tem participação.

<sup>13</sup> PAECHTER, C. Meninos e meninas. Aprendendo sobre masculinidades e feminidades. Trad. Rita Terezinha Schmidt. Porto Alegre, Artmed, 2009. p.12.

chave “na construção e na aprendizagem coletiva das masculinidades e feminidades”<sup>14</sup>: a escola.

Conforme alguns trechos do texto de Casagrande & Carvalho (s/d), em que as autoras citam algumas referências:

Louro (2001) argumenta que **a escola** é formadora de diferenças e desigualdades. O fato de a escola não ser acessível a todos, diferencia os que estão dentro e os que estão fora dela. Dentre os que a ela têm acesso, a escola **reproduz ainda diferenças de gênero e legitima padrões de comportamento distintos para meninos e meninas criando também expectativas díspares para os jovens dos diferentes sexos**. Segundo Carvalho, “a desigualdade sexual e a iniquidade de gênero se manifestam e muitos aspectos das relações escolares” (2003, p. 57). **Tais manifestações vão desde expectativas dos professores e professoras passando pelas representações de homens e mulheres nos materiais didáticos até as relações de poder na escola.** (grifos nossos).

Logo, a escola e os materiais nela utilizados contribuem muito para a “visão de mundo” que os alunos terão.

Nos livros que consistiram em nossas fontes de pesquisa, Notamos isso.

Alguns deles são manuais do professor, outros são edições para o aluno, tendo alguns registros e indicações de uso: anotações, pinturas, entre outros. É interessante notar a relação que possuidor teve com o livro. Tais registros podem ser um indicador de quais conteúdos foram trabalhados, quais foram tidos como prioridade, quais não foram e até mesmo se o livro foi utilizado ou não.

Mas vamos às representações de gênero:

Nas cartilhas e livros de leitura contidos em nossa pesquisa é muito comum notar que imagens e os textos tem uma correlação<sup>15</sup>, sendo que os elementos imagéticos também “constroem” alguma imagem, geralmente de caráter moral e/ou normativo.

---

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> Para corroborar essa idéia da existência de uma correlação, Nos baseamos na argumentação de Souza (1999) e Walty ET al (2001) Apud Araújo e Martins (s/d) em que se diz: *Cabe destacar a importância da análise das ilustrações contidas nos livros didáticos, uma vez que a imagem também é um texto importante, que transmite valores, crenças, modos de ser e agir, que funciona para incluir ou*

## As Mulheres, Meninas e Moças.

De maneira geral as meninas, moças e mulheres são representadas em ambientes internos- ou seja há uma associação direta ao ambiente doméstico, a salões de convivência ou de chá- que eram comuns em algumas lojas da época, em especial as de departamento, como a Mappin Stores por exemplo, que em seu início tinha o feminino como público alvo inicial <sup>16</sup>- ;

Quando criança, geralmente está acompanhada de outras meninas, e brinca com alguns objetos de caráter doméstico tais como: bules, pequenas chaleiras, painéis;

Quando tem algum animal, na maioria das imagens, aquele que aparece é o gato, e em geral tem uma fita amarrada ao pescoço e olhar doce;

Quando está em ambientes externos, é representada em traços “orgânicos” e parece caminhar de maneira suave, com aparente tranquilidade e contemplando a paisagem que a cerca. As vestimentas muitas vezes tem elementos que se “confundem” com o cenário demonstrando uma certa “fungicidade<sup>17</sup>” da menina ou moça com o meio. Os gestos são delicados. Mãos finas, com a parte superior da mão a vista, em gestos “leves”; quando não, está segurando o vestido, uma pequena bolsa, boneca ou animal que, maioria das vezes, é um gato<sup>18</sup>;

---

***excluir significados assegurar ou marginalizar formas particulares de comportamentos.*** ( Souza, 1999 p.11), bem como o texto escrito. Como diria Walty et al (2001) sobre a relação entre texto e ilustrações: ***Na verdade, trata-se de dois textos, autônomos que se interpenetram, enriquecendo o jogo de significados da leitura.***(p.68). Daí a importância de dar a devida atenção aos dois textos, o verbal e o imagético, contidos nos livros didáticos. (grifos nossos).

<sup>16</sup> A esse respeito consultar: ALVIN & PEIRÃO, *Mappin 70 anos*. São Paulo, Ex Libris, 1985.

<sup>17</sup> Fungicidade é um conceito definido por Vânia Carneiro de Carvalho, autora que desenvolve diversos trabalhos relacionados a gênero e significa a “fusão” que geralmente a mulher tem ao ambiente. Por muitas vezes as mulheres são representadas vestindo plumas, rendas, elementos florais e de folhagens o que representa uma certa “camuflagem” nos ambientes que frequenta, não só pelas vestimentas como também pelas formas das poses, dos cortes das roupas etc.

<sup>18</sup> O animal que mais aparece associado à figura feminina é o gato. Notamos isso também em anúncios publicitários e catálogos de moda do período por nós estudado. Como dito por Araújo e Martins ( s/d): ***Há também animais, muitas vezes retratados com características humanas: sentimentos, espaços, habilidades. Ainda, os animais são segregados segundo o sexo das crianças: gatinhos “fofinhos e limpos” para as meninas e para meninos, “cachorros brincalhões”.*** (grifos nossos). Esses animais, conforme pudemos notar, tem uma relação direta com os tipos comportamentais que são cristalizados por meio dos livros didáticos. As meninas, quando associadas aos “gatinhos”, são associadas a um animal de caráter mais “passivo”, menor, sendo um demonstrativo de passividade e delicadeza. Já no caso dos menino, quando associados aos cães reforçam a idéia de força e liberdade, tanto de mobilidade espacial quanto de opinião. Afinal, o cachorro corre e late livremente sem que haja uma “regra” impeditiva. É dessa segregação que falam as autoras supracitadas.



Algumas vezes as meninas se parecem com as mulheres mais velhas tendo uma pôse semelhante: em perfil, com olhos semicerrados, ou realizando brincadeiras que lembram alguma tarefa realizada por uma adulta, como cozinhar, cuidar de um bebê;

Quando meninas e representadas com uma mulher adulta ou mais velha, aparecem, de uma maneira geral com vestimenta semelhante, e demonstrando “prestatividade”- auxilia em alguma tarefa doméstica, no cuidado com outras crianças, com alguém idoso (em especial a avó como vimos em alguns livros);

Quando brinca com outras crianças em ambiente externo - com meninos e meninas- em geral se mantém carregando alguma boneca, uma fita, ou segura a mão de alguma criança menor. Quando não o faz, pode aparecer segurando também uma bola, assim como fazem os meninos, mas é uma bola menor. Pouco corre.

Quando a mulher aparece representada como mãe, se dedica em integralidade ao lar. Ou cuidando de um filho doente ou preparando-o para ir à escola; rodeada de crianças enquanto conta alguma história, borda ou costura; realizando afazeres domésticos: lava louças, cozinha, decora a casa, rega as plantas;

Algumas vezes também aparece conversando, na maioria das vezes com outras mulheres, às portas de casa ou em alguma loja/ venda.

### **Os Homens, meninos e rapazes.**

De maneira geral os Homens são representados lendo algo em uma poltrona, que pode ser de casa ou do escritório, com olhar detido e atencioso para o objeto de leitura. Em poses consideradas “sóbrias e elegantes” – como em algumas antigas fotografias de estúdio ainda do século XIX<sup>19</sup> -;

Quando acompanhado de alguma criança – geralmente um menino- aparece conversando em uma representação que remete à conferência de um conselho, com ar atencioso, detendo a atenção daquele que “escuta”;

---

<sup>19</sup> CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e Artefato*. O sistema doméstico na perspectiva da cultura material- São Paulo, 1870-1920. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp , 2008. Capítulo 1.

Quando representado em ambientes externos, de maneira geral aparece com a mão nos bolsos, segurando ou apoiando algum objeto, tal como guarda chuva, bengala, caneta, papel; lembrando o fato de que em geral o homem é colocado dessa forma para demonstrar não somente a sobriedade e seriedade, mas também que as mãos do homem são “utilitárias”, ou seja, devem realizar tarefas que tem alguma importância concreta, e/ou de reconhecimento público, tais como assinatura de um documento, por exemplo<sup>20</sup>;

Quando representado no ambiente escolar, enquanto adulto, em geral aparece como professor- figura diretamente associada não àquele que cuida e tem complacência, como em geral é representada a professora; mas sim ao mestre, que é aquele que “conduz e orienta”-. Quando posto em tal cenário, veste terno, gravata, tem óculos, porta uma régua;

Quando no campo, veste calças mais curtas, suspensórios e camisas que não tem manga longa. Cultiva a terra, tange animais, come alguma fruta;

Quando comerciante, aparece “adequado” ao tipo de comércio que exerce, tendo as vestimentas de suas respectivas atividades, assim como em qualquer outra atividade de trabalho;

Quando menino, em geral, é representado de calças curtas e camisa ( que pode ser de manga longa ou curta), suspensório, sapato fechado com meias quase no joelho. Nos livros mais antigos, como os das décadas de 1920 e 1930, alguns tem pequenos chapéus ou boinas, roupas em estilo marinheiro;

Em geral brinca em ambientes externos, correndo sozinho ou atrás de alguém ou algum animal que na maioria das vezes é um cachorro; pulando “obstáculos”<sup>21</sup> – tais como muros, galhos, árvores-, jogando bola ou golf; aparece também acompanhado de outras crianças, em grande parte das vezes somente de outros meninos;

---

<sup>20</sup> Idem. Capítulos 1 e 3.

<sup>21</sup> Ver nota de rodapé nº 19.

Quando na escola ou aparece como total indisciplinado, ou como muito dedicado, recebendo elogios, principalmente da mãe<sup>22</sup>; Quando vai para a instituição escolar geralmente porta uma bolsa em diagonal.

### **Exemplos contidos nos livros didáticos analisados**

Citaremos agora exemplos das compilações que fizemos de excertos contidos em alguns dos livros selecionados e/ou mesmo de descrições por nós feitas. Não exemplificaremos aqui os conteúdos/ ilustrações de todo corpus documental por nós selecionado, devido a uma questão prática. Todavia cremos que os exemplos aqui colocados são elucidativos e demonstram bases comprobatórias de nossas hipóteses e verificações.

<b>Livro:</b> <i>Cartilha do lar</i> . Autor: J. Pinto e Silva
Ano de publicação: não consta.
Mas devido a informações da capa, acredita-se ser de 192-. (algum ano da década de 1920). Não consta o nome da editora.
Local de Edição: São Paulo.

### **Tabela 2: Descrição elucidativa da obra didática : *Cartilha do lar*.**

Tal livro possui 97 páginas no total e é composto por textos e exercícios, sendo que esses correspondem ao ensino de língua portuguesa através de “pequenos ditados”, que em seu início são colocados em forma de pequenas frases, pequenos diálogos e,

---

<sup>22</sup> Idéia da mãe (mulher) como sustentáculo da família, da formação dos filhos, etc. A mulher teria essa função formativa, que cumpria acompanhar o andamento das coisas, em especial aquelas do lar. Esses pressupostos foram muito fomentados nas épocas selecionadas para este estudo. Na década de 1920 com o discurso higienista e psicologizante, estava associada à elegância e ao asseio – tradicionalmente-, pois muitos dos parâmetros até então tidos como irrefutáveis, estavam sendo postos em questionamento, pela moda, pelos novos comportamentos sociais etc. Logo fomentar essa idéia ou demonstrá-la seria uma forma de legitimar os “pilares ideais” da sociedade da época. O mesmo acontece nos anos 1940 e 1950 mas com um intuito um pouco diferente: a mulher teria espaço para “reinar num lar” cada vez mais automatizado ( devido aos novos aparelhos domésticos existentes), e além disso no Brasil de idéias estadonovistas, representava o pilar e a “perpetuadora” da cidadania e dos cidadãos.

posteriormente, vão se colocando em textos maiores. Todos eles contém excertos em que se demonstram os “sons” que são emitidos por cada letra. As ilustrações, em sua maioria, tem alguma relação direta com o conteúdo escrito. Pelas informações que extraímos, concluímos que o exemplar ao qual tivemos acesso é uma espécie de manual do professor. Teve aprovação e adoção pelo Governo do Estado de São Paulo para as escolas públicas<sup>23</sup>.

Já na folha de rosto inicial, consta uma parte denominada: *ADVERTÊNCIA*.

Em tal setor constam informações sobre a forma de utilização do livro, desde sua leitura até a aplicação das ‘lições’ por parte do professor. Transcreveremos tais informações abaixo:

Ao lado de cada lição desta cartilha vão umas *notas*. Pretendemos assim dar isso, no Brasil orientação de que tanto precisam. Desejamos, principalmente, que a criança aprenda a ler bem, isto é sem vícios e defeitos que tanta vez adquire, por falta de uma boa **direção**<sup>24</sup> no seu primeiro aprendizado. Como se verifica, desde a lição inicial deste livrinho já aparece a analyse que á primeira vista, parece intempestiva, logo nas primeiras lições.

Entretanto essa analyse tem perfeito cabimento, por porquanto ela ahi ainda não representa decomposição de espécie alguma; constitue apenas simples exercícos retrospectivos por meio de novas sentenças e termos destacados, mas já conhecidos afim de firmar no espírito do alumno conhecimentos anteriormente adquiridos.<sup>25</sup>

Quanto ao mais, aguardamos os benefícios da crítica competente. (grifos nossos).

O autor de fato demonstra em tal parte a preocupação com a adoção de uma metodologia de aplicação correta das proposições. Chama também a atenção o fato de aprovação pelo Governo do Estado e de adoção em escolas públicas, pois tal questão

---

<sup>23</sup> O fato de os livros demonstrarem na capa ou na folha de rosto a aprovação por alguma instância governamental, demonstram que para a época o material possuía credibilidade. E, além disso pode deixar entrever que tais obras se adaptavam as proposições oficiais de ensino, transmitindo “imagens ideológicas” e proposições advindas até mesmo das políticas públicas das épocas.

<sup>24</sup> Aqui notamos como o autor considera ser de grande importância a primeira etapa da escolarização, ou seja, o ensino primário. Considera importante também uma “direção”, ou seja, uma condução do aprendizado, que leve a um fim.

<sup>25</sup> Análises que constituem “exercícos retrospectivos”, para que se possa firmar no “espírito do aluno”, conhecimentos anteriormente adquiridos. Ou seja: o aluno teria um “espírito” a ser despertado e desenvolvido, no qual as idéias deveriam ser fixadas.

confere uma legitimidade à obra e seu conteúdo, possibilitando reedições (não tivemos contato com nenhuma nova edição da obra, estamos apenas supondo), e denotando a adequação aos projetos de educação primária de caráter laico.

As representações de gênero:

Na página 5 do livro há uma ilustração, em forma de gravura, de uma menina, com roupas em babado, chapéu que se assemelha a uma touca rendada, mãos abertas em gesticulação leve com os dedos em especial o polegar e o indicador, parece estar “posando”.

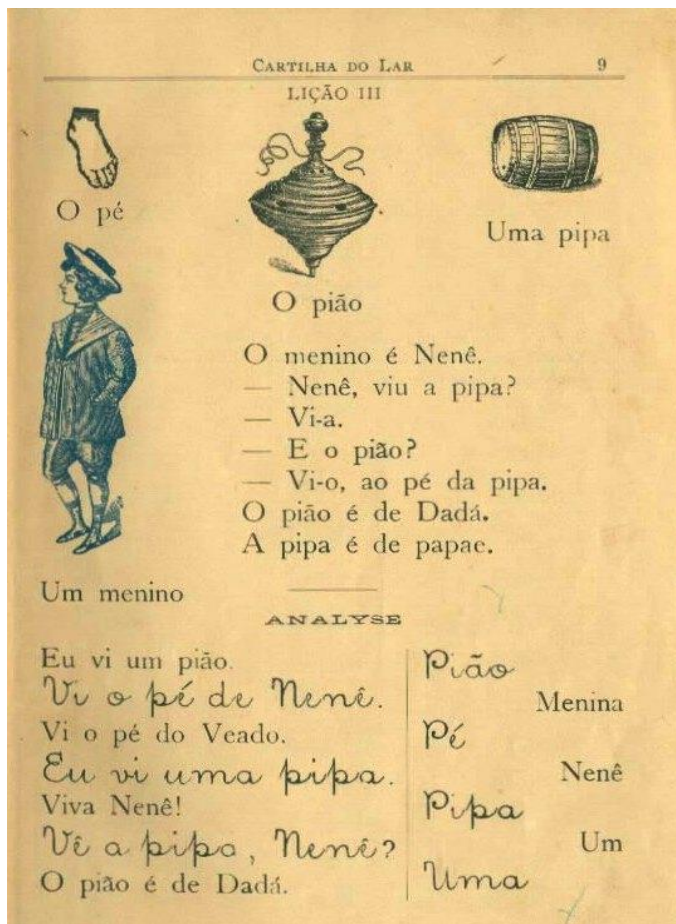
A posição é um tanto lateral, cabeça em perfil, e os traços do rosto tem linhas delicadas.



**Figura 1** SILVA, J. Pinto e. *Cartilha do lar*. p.5.

No texto relacionado à ilustração, é citada a avó. A associação à avó pode denotar a relação de proximidade que as meninas teriam dos membros do sexo feminino da família, em especial a mãe e a avó que estão num núcleo mais próximo.

Na página 9, consta a figura de um menino em trajes muito semelhantes aos europeus em “estilo marinheiro<sup>26</sup>” que eram divulgados e vendidos na época em algumas lojas de departamento da cidade de São Paulo, como a Mappin Stores.



**Figura 2** SILVA, J. Pinto e. *Cartilha do lar*. p 9.

Tem uma posição de altivez, é representado com as mãos nos bolsos, e tem o olhar firme, voltado para um ponto fixo. Tem um chapéu sob a cabeça. Os gestos denotam certa firmeza nas ações, os traçados da figura são mais retos ( na representação da menina, por exemplo, parece existir a idéia de “movimentação” do corpo, e os traços das vestimentas em geral dão a idéia de volume, “leveza”. ).

Há também o desenho de um pião, de uma pipa (um pequeno galão). O pião é a representação do brinquedo, do lúdico, e a pipa que conforme dito no texto, é um objeto

<sup>26</sup> Estilo de vestimenta infantil muito no comum entre os anos 1910 e 1920. Composta por calças curtas e camisas de manga longa ou curta, geralmente com listras em sentido vertical. Um acessório da composição, em geral era um pequeno chapéu semelhante a uma boina.

do pai. A presença do pai denota o estabelecimento de uma relação de paralelismo entre eles. O menino teria uma maior proximidade de sua figura portanto.

Na página 23 existem duas questões: uma referente ao gênero e outra referente a alguns princípios moralizantes.

Há um texto que se refere a uma garota chamada Mimi:

Mimi é uma boa menina.

É muito obediente .

Ama muito o papae e a mamãe .

Um dia Mimi viu papae doente .

Amenina andou meio doida de pena do papae.

Ou seja: a boa menina não só é obediente como também se preocupa com o que aflige o pai, tendo grande preocupação com aqueles que a criam. Tal questão é demonstrada também no livro: *Corações de crianças*.

Nesta página há também a ilustração de uma menina, que está com um vestido simples, com alguns contornos em babado, nas bordas da gola, das mangas e da saia. Há uma fita adornando a cintura . O cabelo está solto e desce um pouco à altura do ombro. O olhar é lateral. A menina está com os pés descalços, mas as mãos estão abertas, em gesto delicado. A menina parece estar se movendo em pose.



**Figura 3** SILVA, J. Pinto e. *Cartilha do lar*. p 23.

Aqui a figura da menina é associada a elementos que remetem à delicadeza e à “apresentação”. Como dito por Carvalho<sup>27</sup>, a mulher tem sua representação associada a uma “apresentação de si mesma”, sendo o corpo um adorno, sua pose contém um todo a ser mostrado, por isso muitas vezes as roupas são ricas em pequenos detalhes, sendo que babados, rendas e motivos florais também estão presentes no ambiente doméstico e em “recepções femininas”, como alguns jantares e chás, seja adornando ou camuflando o mobiliário, as cortinas ou as louças. Logo, a mulher traria o que é da natureza e lá se comporta de maneira “selvagem” para o ambiente doméstico, de forma bela e delicada.

Na página 33 há a ilustração de uma moça. A imagem não tem relação direta com o conteúdo textual.

Sua aparência é semelhante a de uma mulher do final século XVIII, início do XIX, com um olhar lateral, cabeça pendendo levemente, e utilizando colares.

<sup>27</sup> Em comunicação realizada no mês de Setembro, no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.




CARTILHA DO LAR 33


LIÇÃO XV




A moça



A foice



A bacia



A ave

Alceu e Lucio armaram um  
laço, no pomar, bem perto do  
poço.  
Caçaram uma ave muito  
bonita.  
A ave ficou toda arrepiada.  
Parecia ir morrer, a coitada.  
Alceu teve dó. Deu liber-  
dade á ave.  
Ella voou muito contente.  
Foi cantar á beira do açude.

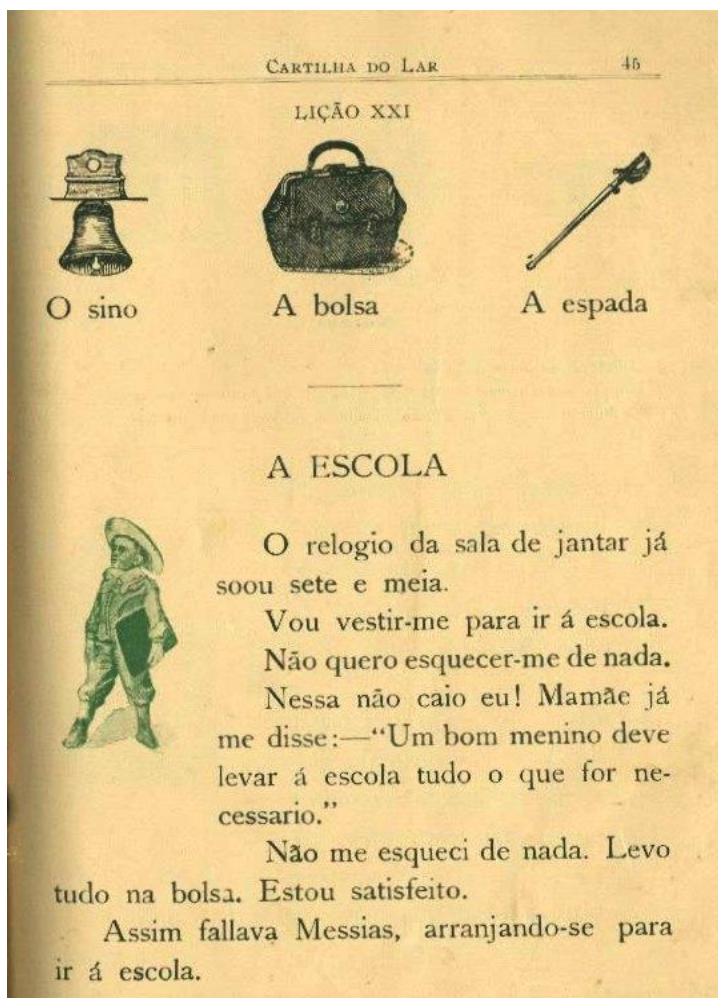
ANALYSE

<p>A moça é bonita. Eu vi a foice. Alceu caçou a ave. A bacia é de louça. Coitada da ave. Ella voou.</p>	<p>Souça Poço Saço Açude Cantar Ficou</p>
--	---

Figura 4 SILVA, J. Pinto e. *Cartilha do lar*. p 33.

Na página 45 há a ilustração de um menino carregando um livro, em posição ereta. As vestimentas do menino e sua posição lembram um bandeirante. O menino tem um chapéu sob a cabeça e sapatos que se assemelham à botas.

Ideia de que o menino se assemelha aos heróis e aos “líderes”.

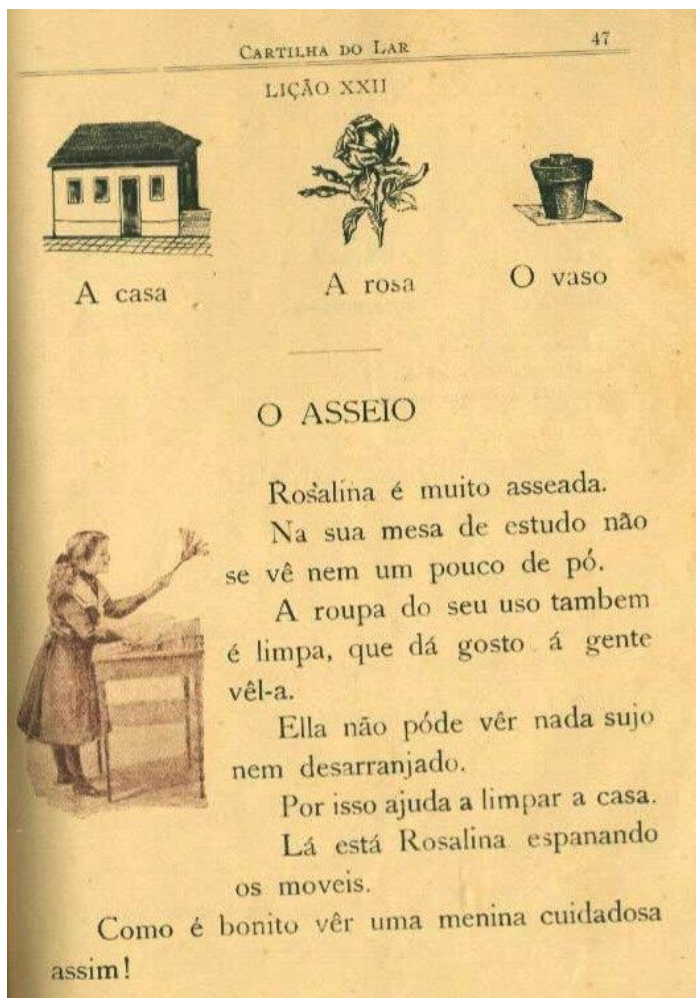


**Figura 5** SILVA, J. Pinto e. *Cartilha do lar*. p 45.

Na página 47 há a figura de uma menina, trajando um vestido e mangas longas, e com um espanador na mão, demonstrando prazer em realizar tal atividade.

Essa ilustração remonta às idéias de cuidado com o ambiente doméstico e àquela de regulação da rotina doméstica, que conferiria inúmeros benefícios, tais como a ordenação e a limpeza<sup>28</sup>.

<sup>28</sup> Vânia Carneiro de Carvalho. *op. cit.*, Capítulo 4.



**Figura 6** SILVA, J. Pinto e. *Cartilha do lar*. p 47.

Essa ilustração está associada ao texto que a segue e que se chama: “O asseio”, o qual transcreveremos abaixo:

Rosalina é muito asseada.

Na sua mesa de estudo não se vê nem um pouco de pó.

A roupa do seu uso também é limpa, que dá gosto de vê-la.

Ela não pode ver nada sujo nem desarranjado.

Por isso está limpando a casa .

Lá está Rosalina espanando os móveis.

Como é bonito vêr uma menina cuidadosa assim!

A esse respeito é interessante consultar o capítulo quatro do livro: *Gênero e artefato*, de Vânia Carneiro de Carvalho, conferindo especial atenção ao tópico chamado: *Limpeza artística e decoração higiênica*, em que são expostas algumas das propostas higienistas que foram formuladas para os “cuidados com o lar”, e também algumas questões que fazem alusão direta à relação entre conforto, bem estar e asseio. Novamente a mulher é associada aos cuidados domésticos e à arrumação, e tem suas “qualidades” associadas a esses fatores.

Na página 53 há a representação de gênero associada ao trabalho e aos elementos moralizantes.

Há a ilustração de um rapaz trabalhando, segurando uma enxada. O corpo está curvado aparentemente fatigado. As roupas são: uma calça, uma camisa simples, chapéu e botas.



**Figura 7** SILVA, J. Pinto e. *Cartilha do lar*. p 53.

O texto que acompanha a ilustração é o seguinte (Grifos nossos):

Lá está o Aleixo co a enxada na mão.

**Elle é um menino rico, mas não tem luxo.**

Está remexendo a terra, par semear.

Aleixo nunca deixa de cuidar das árvores.

Por isso a sua ameixeira deu muita ameixa este ano.

Aqui temos a associação do homem ao ambiente externo em que ele caminha livre. O trabalho tem um resultado prático, direto. Dele resultam colheitas e alimento. Apesar da riqueza, trabalha, pois o “trabalho dignifica e recompensa”.

Na página 55 há a representação de dois meninos que estão sentados estudando, lendo. Aparentemente um dá instruções enquanto o outro as recebe.

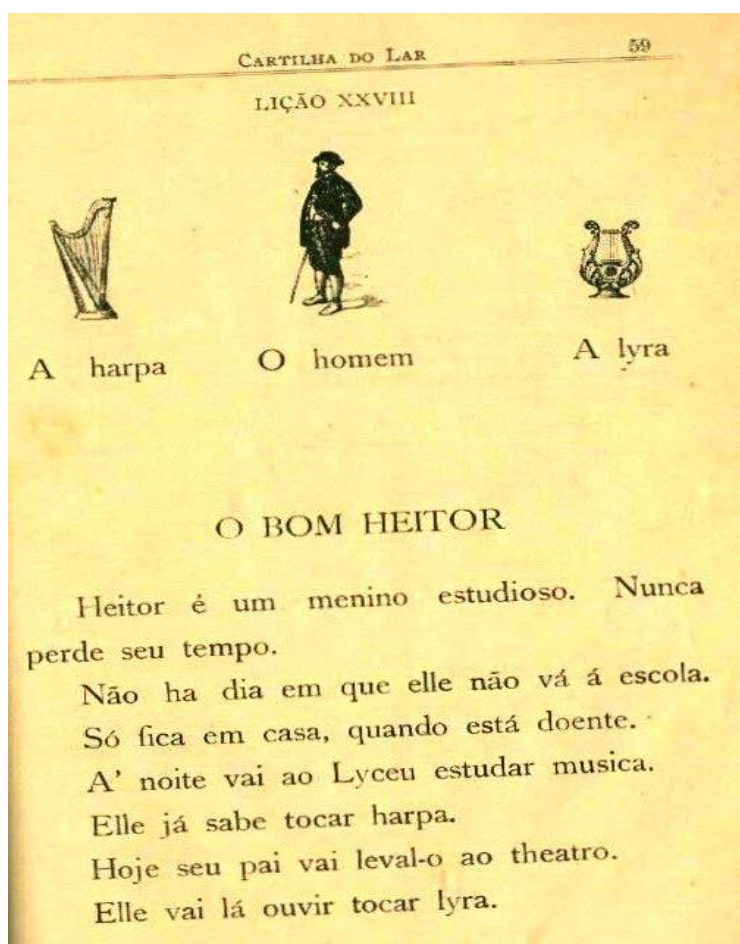


**Figura 8** SILVA, J. Pinto e. *Cartilha do lar*. p 55.

Segundo Carvalho (2008), há uma grande valorização do intelecto para o homem. E algumas fotografias do final do século XIX e início do século XX, bem como em alguns anúncios de caráter publicitário, ele aparece sentado em um escritório ou poltrona individual (diferentemente da mulher, que se mantém de pé ou sentada num local onde cabe mais de uma pessoa), lendo, segurando uma caneta etc. O que valoriza a idéia de que o homem é mais ligado aos trabalhos de caráter intelectual-cognitivo.

O texto que acompanha a ilustração chama-se: “Máximo está doente. Assim mesmo ele auxilia seu irmão a estudar”<sup>29</sup>.

Na página 59 há a representação de três figuras: A de uma harpa, a de um homem e a de uma lira.



**Figura 9** SILVA, J. Pinto e. *Cartilha do lar*. p 59.

<sup>29</sup> Vânia Carneiro de Carvalho. *op. cit.*, pág 46.

Nos focaremos na figura do homem.

Ele está representado altivo, em perfil, com a mão no bolso. Parece calçar botas.

Veste terno, e chapéu. Tem barba (parece ser um homem do final do século XIX, e/ou início do XX.).

Há uma pequena bengala na qual está apoiado.

Representado de forma elegante e portando chapéu e bengala, denota a idéia de que o homem tem em suas imagens, demonstração de um uma certa posição de poder. Associado novamente a um objeto utilitário e ocupando as mãos, reforça sua imagem não só de postura em elegância como também de “distinção”<sup>30</sup>.

Texto da página: “O bom Heitor”

Heitor é um menino estudioso. Nunca perde seu tempo.

Não há dia em que ele não vá à escola.

Só fica em casa quando está doente .

A noite vai ao Lyceu estudar música.

Elle já sabe tocar harpa.

Hoje seu pai vai leval-o ao teatro.

Ele vai lá ouvir tocar Lyra.

Aqui nota-se que o menino é de uma classe social mais abastada. Não só vai à escola como frequênta o teatro e toca um instrumento clássico. Logo há uma associação de música à sabedoria e ao bom gosto. É interessante notar que praticamente no mesmo período em que o livro foi publicado eram realizadas, de fato, temporadas líricas no Teatro Municipal de São Paulo. Temporadas essas que eram anunciadas não só em jornais como também por lojas, como a Mappin Stores que fazia anúncios e campanhas específicas para tal acontecimento. Era de bom tom, não somente para as classes altas como também para as médias em ascensão, frequêntar tal Teatro em temporada, pois denotava bom gosto e par participação no “progresso da cidade”. Logo há toda uma

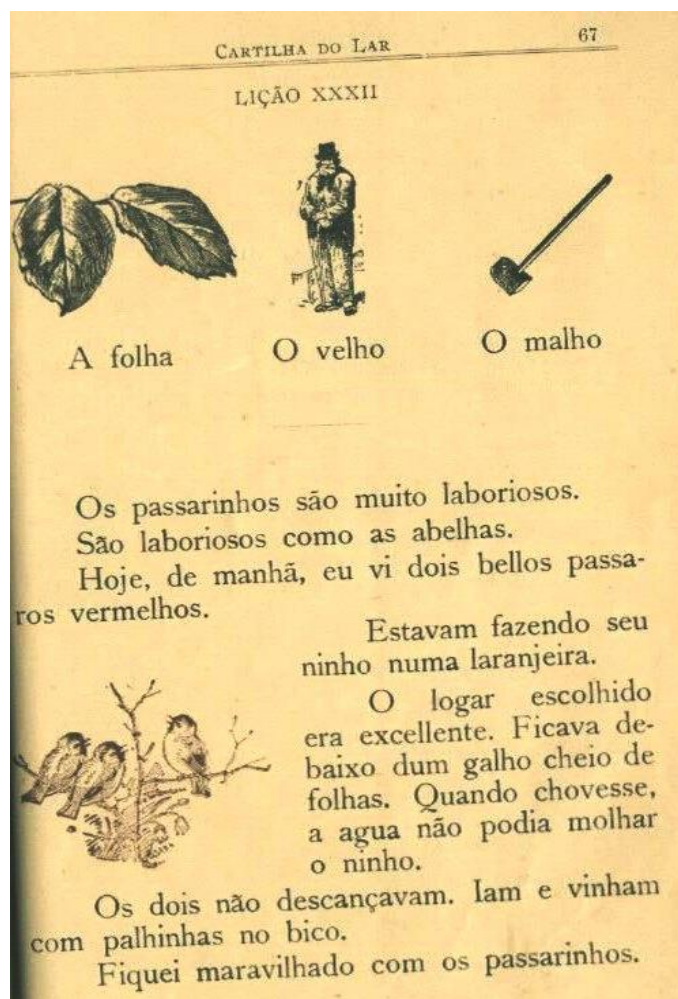
---

<sup>30</sup> A esse respeito consultar as páginas nº 64, e 235 à 239 do livro: *Gênero e artefato: O sistema doméstico na perspectiva da cultura material*. São Paulo, 1870-1920. CARVALHO, Vânia Carneiro de.

“visão de mundo”, transmitida pelas imagens compostas pela ilustração e pelo texto, que refletem um pouco de uma realidade social da época.

Na página 67 há um texto chamado: “O velho”, que traz uma caracterização.

O velho é representado em posição ereta, de cartola, tinha terno gravata e uma bengala empunhada.

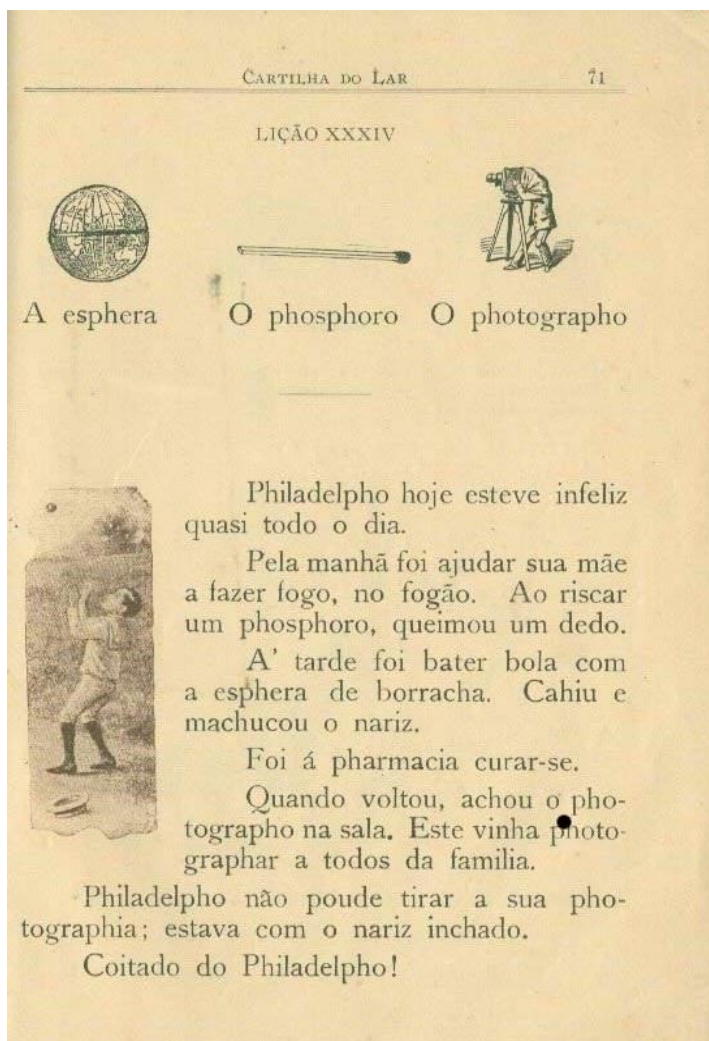


**Figura 10** SILVA, J. Pinto e. *Cartilha do lar*. p 67.

Na página 71, há a representação de um menino brincando com uma “esfera de borracha”. Calça botas, calças curtas e camisa (se assemelha ao estilo “marinheiro” que estava vigente na época) no chão um chapéu.

O menino se movimenta.





**Figura 11** SILVA, J. Pinto e. *Cartilha do lar*. p 71.

O texto dessa página contém alusão a uma questão que era comum na época: Um fotógrafo foi fazer fotos na casa do menino.

É interessante frisar que o menino aí está associado não somente à idéia de liberdade (pois brinca com uma “esfera de borracha” em ambiente externo) mas também à concepção de: “qual seria a imagem ideal” a ser registrada pelo fotógrafo pois a ida de um fotógrafo para registrar momentos era um verdadeiro evento. Isso denota que, socialmente a fotografia se constitui enquanto um acontecimento social importante, em que não só o fotógrafo como o fotografado podem seleccionar as “melhores imagens”, fomentando algumas vezes, padrões e estereótipos. Dessa vez o menino poderia ser fotografado com sua esfera, brinquedo associado quase que de forma direta aos meninos.

<b>Livro:</b> <i>Corações de Crianças</i> . Autora: Rita de M. Barreto.
3º livro. 48ª edição. 1945. Livraria Francisco Alves.
Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte.

**Tabela 3: Descrição elucidativa da obra didática : *Corações de Crianças*.**

Esse é o terceiro livro e leitura ao qual a criança teria acesso em sua trajetória escolar. Na época, ele recebeu aprovação de adoção pelo Departamento de Educação de São Paulo, estando contido na *série de contos morais e cívicos*.

É um livro composto de 124 páginas, contendo pequenas histórias de caráter moralizante, que falam sobre o cotidiano e “boas atitudes”, e representações de figuras que comporiam o “povo brasileiro” tais como os “caipiras” também constam. No conteúdo interno há representações da bandeira nacional e do mapa do Brasil, em contornos.<sup>31</sup>

Mas nos detivemos mais nas representações de gênero masculino e feminino.

Na página nº 4 há a ilustração, contendo a figura de uma menina ajoelhada, rezando, olhando para o céu, através da janela, e ao lado está a boneca que tem um laço na cabeça e se assemelha figurativamente muito à menina. A menina se chama Amelinha.

---

<sup>31</sup> Apesar dessa edição ser do último ano do chamado “Estado Novo”, percebe-se que a “ruptura” com os conteúdos e proposições de ensino não só da época estadonovista como outras, “inerentes” aos programas de ensino de História, não ocorre totalmente. Apesar de ser um livro de leitura, tem esse caráter “moral e cívico”, demonstrando em alguns dos seus conteúdos a idéia de formação de cidadãos íntegros e que colaboração com o desenvolvimento da nação. Sobre o assunto, consultar: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes, *Pátria, civilização e trabalho* – O ensino de História nas escolas paulistas (1917-1939). São Paulo, Edições Loyola.



**Figura 12** BARRETO, Rita de M. *Corações de crianças*. 1945, 48ª edição. p 4.

No texto da página seguinte há a descrição do que ocorreu. O pai de Amelinha estava doente, e alterou a rotina da casa, e ele não conseguia fazer seus afazeres. São atribuídas diversas qualidades ao pai, entre elas as de ser: bom, meigo e trabalhador. Diante de tal situação, a menina “*Faz uma oração a Jesus e às estrelas para que elas roguem a Deus para que seu pai melhore*”.

Logo, a menina demonstra ser uma filha atenciosa, bondosa e preocupada não só com o pai, que é o provedor, como também com a casa que teve toda sua rotina modificada em decorrência da doença dele.

Nas páginas 6 e 7, há a representação masculina. O menino fala com o pai a respeito da escola, e diz que não gosta muito de ir à escola, e o pai diz ser importante.



**Figura 13** BARRETO, Rita de M. *Corações de crianças*. 1945, 48ª edição. p 6.

O menino veste camisa e gravata. Tem uma feição de respeito ao pai, e escuta atentiosamente ao que ele diz.

Enquanto isso, o pai também lê um jornal e está sentado. Tem cabelos bem penteados, punhos cerrados o indicador apontando e o polegar aberto. Veste um terno e uma gravata.

Ou seja: O filho é atencioso, obediente e escuta ao pai. Ele também parece ver no pai uma “espécie de espelho”, pois o olha atentamente, de frente. E se parece muito com ele. A figura do pai representa conhecimento, não só da situação exposta na figura e no texto, como também do “mundo”, pois ele lê jornal, o que significa uma “abertura para o mundo externo”.

Nas páginas 8 e 9 retornam as representações femininas. O texto chama-se “a boa neta”, e na ilustração, a moça, que se chama Joaninha, tem cabelos bem penteados, olhar delicado, usa um pequeno chapéu que se assemelha a uma boina, e um vestido com mangas bufantes. Olha para a avó, lateralmente.

A avó veste um xale, um lenço na cabeça e possui óculos.



**Figura 14** BARRETO, Rita de M. *Corações de crianças*. 1945, 48ª edição. p 8.

A história contida no texto fala da importância do bom comportamento da garota, citando que não é a beleza física que chama a atenção, e sim a “bondade que emana de todos os seus gestos”.

Ou seja: ter um bom comportamento, ser caridosa, piedosa e ter um bom relacionamento com as pessoas é de grande importância. É importante que ela seja boa, pois uma boa neta tem bons comportamentos, e seja bonita, mas essa não deve ser sua principal característica. E prol das boas ações e do cuidado com a avó deve-se abrir mão de algumas coisas, e a recompensa vem, a posteriori.

Nas páginas 26 e 27 há mais uma representação feminina, dessa vez da mulher que faz a gestão do lar.



**Figura 15** BARRETO, Rita de M. *Corações de crianças*. 1945, 48ª edição. p 26.

O nome da História é: quem luta vence.

Os personagens são Genoveva e Antônio, que formam um casal. Ela, dona de casa, ele dono de um negócio. Todas as situações iam bem, até o momento em que ocorreu um “prejuízo” no negócio. Antônio decidiu de que todas as despesas “inúteis” seriam cortadas, devendo ser feito todo o possível.

*“Foram dispensadas as professoras de música, a copeira e a cozinheira, e o pai trabalhou muito e com a ajuda dos filhos e da mulher conseguiu retomar tudo”.*

Por meio das ilustrações e do texto, apreendemos algumas questões: Enquanto Antônio cortava as despesas, -numa relação prática, direta e impessoal- a mulher e os filhos faziam alguns trabalhos; tomaram as posições de antigas funcionárias da casa, que por sua vez eram todas mulheres e exerciam serviços relacionados à educação ou à tarefas domésticas- .

*“Genoveva cozinhava e lavava a louça, suas filhas ajudavam-na nessa tarefa e tratavam do arranjo da casa”.* Podemos notar tal descrição na ilustração contida na

página 26, em que a menina enxuga pratos ao lado da mãe que lava louças. A menina parece sorrir levemente, e tem os olhos semicerrados, assim como mãe, que difere da menina pela aparência de seriedade.

A partir de tal excerto podemos não somente que os trabalhos de caráter doméstico e referentes à educação ficavam a cargo da mulher, mas também que ela tinha um papel figurativo de importância no que se refere ao lar, pois:

**Elas (as mulheres) estavam contidas num projeto mais amplo de construção de um Estado Nacional forte e organizado. Sendo a família concebida como base do edifício social,** era bastante evidente que para se levar a bom termo esse projeto, uma das providências mais urgentes seria a de proteger e preservar a família, segundo os propósitos do Novo regime.

(Souza, 2004. p. 15. grifos nossos.)

Páginas 28 e 29 tem um texto intitulado "O desmazêlo".



**Figura 16** BARRETO, Rita de M. *Corações de crianças*. 1945, 48ª edição. p 28.

Esse texto fala da história de duas irmãs, sendo elas chamadas: Altina e Fernanda. Altina era cuidadosa, enquanto Fernanda não.

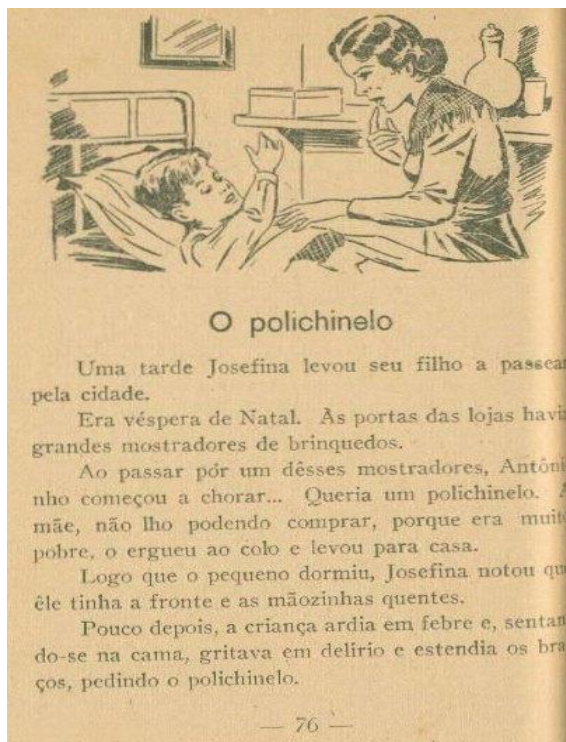
*“Fernanda deixou seu vestido embolar, pois o guardou molhado. Altina não, pois o estendeu.*

*(...) No quarto de Fernanda reinava continuamente a desordem: toalhas de rosto, sabonetes, escovas em cima da cama vestidos sob o lavatório, livros e tinteiros pelas cadeiras”.*

O que se conclui a partir de tal história? Que tal comportamento de desmazelo é reprovável, pois é importante ser organizada e cuidadosa. Característica “boa” para qualquer pessoa, mas em especial para as meninas que futuramente se tornarão mulheres e por conseguinte terão um lar para cuidar. O quarto da menina representa esse lugar, essa micro representação de um futuro lar, pois apesar de ser um ambiente de característica privativa, representa a personalidade da menina, seus comportamentos, é um reflexo dos seus cuidados. É essa a idéia transmitida não só pelo texto como pela ilustração.

Na página 76 é demonstrado o papel da mãe abnegada. A mãe cuida de um filho doente, que ficou nesse estado porque queria um brinquedo, um polichinelo. Todavia ela não possuía dinheiro e acabou o furtando, não sendo punida por isso, pois “encontrou uma carinhosa mão”, “podem retirar-se”.





**Figura 17** BARRETO, Rita de M. *Corações de crianças*. 1945, 48ª edição. p 76.

Aqui podemos notar que ela não atende a seus próprios princípios e transcende as punições, pois é mãe, acima de tudo. É a idéia de que por um filho se realiza qualquer sacrifício. Como dito por Deiró, (2005):

O personagem mãe dos textos de leitura é tratado com grande sentimentalismo, vive só de amor para dar a seus filhos com a finalidade de inculcar uma imagem estereotipada da mãe.

(...)

Todas as mães são iguais no imenso amor sem limites, amor sacrificado e feito de perdão que dedicam aos filhos. Sejam elas ricas ou pobres, das zonas urbanas ou rurais, todas são iguais.

(pp. 52, 53).

Há questões que apesar de se relacionar também à categoria de gênero não a tem como único ponto de abordagem. Foi o que notamos nos excertos contidos nas páginas 93 e 94, no conjunto texto/imagem.

Na página que contém a ilustração, há uma moça enxugando a louça enquanto a outra assiste.

No texto é dito que Rosinha (uma menina preguiçosa segundo as descrições), “foi recolhida ao hospital de inválidos, por ter tanta preguiça”.

É uma categorização direta. A preguiça era vista como um problema naquele contexto social em que o trabalho trazia honra. Mais do que um problema, era comparado a uma doença, pois a garota foi levada para um hospital. Isso demonstra não somente que a mulher devia exercer sua função doméstica, mas que também não só ela mas toda pessoa não poderia ser preguiçosa, pois o trabalho é digno, agrega valor, enquanto a preguiça traz malefícios e retira do convívio social.

Na página 95 há uma ilustração contendo a figura de uma mãe aparentemente serena e tranqüila. Ela está segurando um bebê, com um olhar cerrado e terno, em gestos delicados, e parece devotar total atenção à criança.



**Figura 18** BARRETO, Rita de M. *Corações de crianças*. 1945, 48ª edição. p 95.

Na página seguinte é contada a história de uma mãe por um pai. E ele diz por meio de alguns argumentos que a mãe sempre ama incondicionalmente o filho, cuida, vigia e mesmo quando um filho comete um mal, pondera.

É importante citar esse exemplo, pois não só reforça o que foi dito por Deiró, como também demonstra uma possível “visão masculina”, a respeito da condição da mulher enquanto mãe. Essa seria a visão de todos os homens e pais? Pelo menos em teoria por meio da posição colocada no livro, é uma representação significativa, principalmente para o leitor, ou seja, o estudante de ensino primário, que ainda está em fase de formulação de alguns aspectos críticos, figurativos.

Nas páginas 110 e 111 é colocada a figura do pai. Na figura da página 110 pai está ao lado da cama “velando” o sono do menino. O olhar é indireto, e ele tem os óculos sob a testa.



**Figura 19** BARRETO, Rita de M. *Corações de crianças*. 1945, 48ª edição. p 110.

No texto, ele é colocado como aquele que trabalha, e que pode parecer apressado mas devota atenção ao filho.

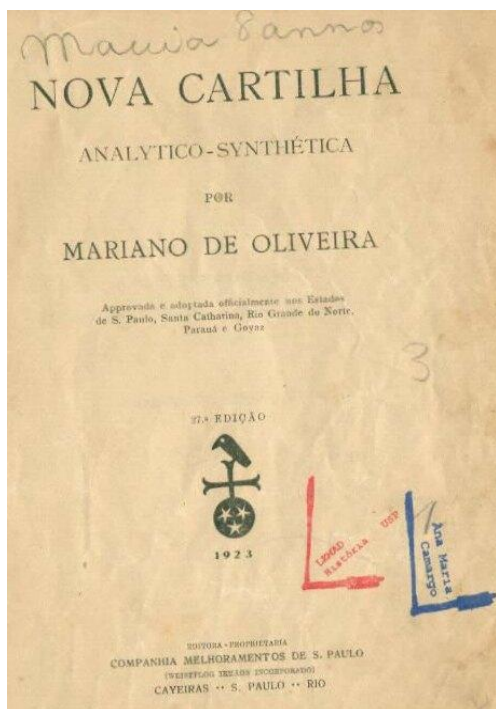
Ou seja: mesmo que só veja o filho quando este está dormindo ( diferentemente da mãe que em teoria passa o dia inteiro com os filhos e faz todas as tarefas), ainda sim ele está presente, pois trabalha o dia todo e só tem o tempo do sono do filho para estar por perto o que demonstra um certo distanciamento em alguns pontos.

### **Uma análise comparativa: O caso da *Nova cartilha analítico sintética* de Mariano de Oliveira.**

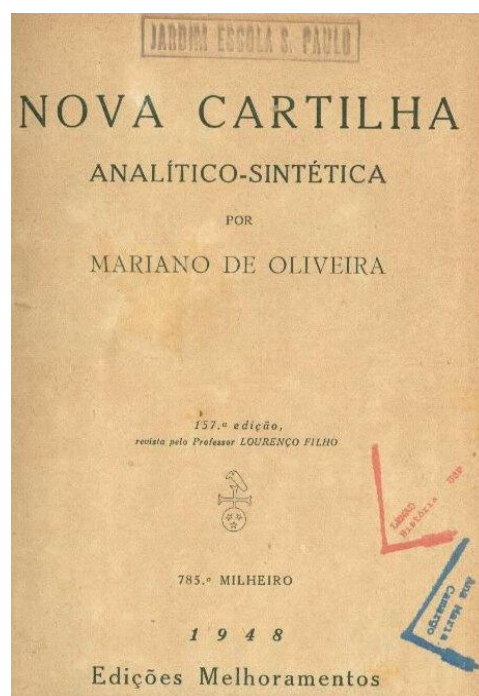
Durante o desenvolvimento das atividades referentes à catalogação do acervo no LEMAD, nos deparamos com algumas questões. Percebemos que alguns dos livros constantes em tal local estavam representados por mais de um exemplar ou edição. No corpus documental por nós selecionado, há um exemplo disso. A *Nova cartilha analítico sintética* de Mariano de Oliveira, tem dois exemplares no local. Um deles de 1923, em sua 27ª edição, e o outro de 1948, em sua 157ª edição. Nas duas edições, mesmo após todo tempo que as distancia, muitos elementos (textuais e iconográficos) foram mantidos, o que acaba por estabelecer uma grande semelhança entre os exemplares. E essas “reedições” constantes demonstram o quanto aceita a obra foi, tanto pelos professores e estudantes, como pelo sistema educacional como um todo. A adequação não somente às proposições metodológicas da época – a adesão ao método analítico sintético-, como também aos padrões tidos como “ideais” e socialmente qualificados, demonstra de certa forma, sua “oficialização”. Como dito por Frade e Maciel (2006) sobre a produção de materiais editoriais no início do século XX : *A produção didática está pautada na legislação vigente e nos programas de ensino estaduais e que vários ideólogos dos programas e reformas são os próprios autores de livros (p.106) .*

#### **A análise**

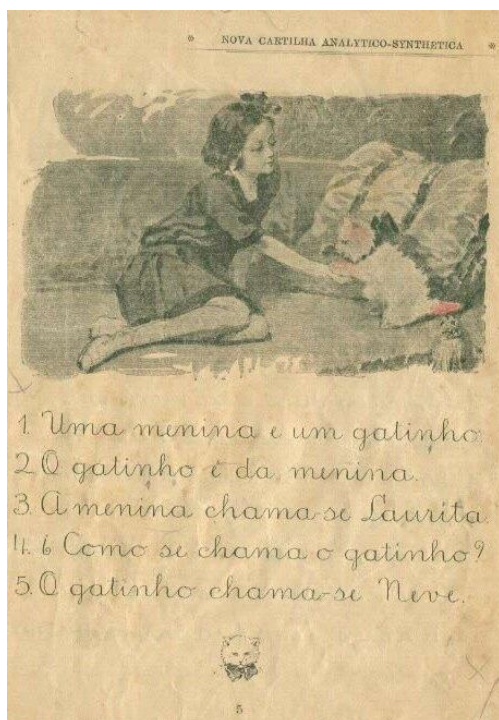
O conjunto formado pelo texto e pelas imagens demonstra a permanência de determinados valores sociais. E isso pode ser verificado através de uma análise das composições.



**Figura 22-** Folha de rosto da Cartilha no ano de 1923, contendo a informação de aprovação oficial em alguns estados do país.



**Figura 23:** Folha de rosto da cartilha no ano de 1948. Nessa edição a informação de aprovação oficial não consta.



**Figura 24:** Edição de 1923.



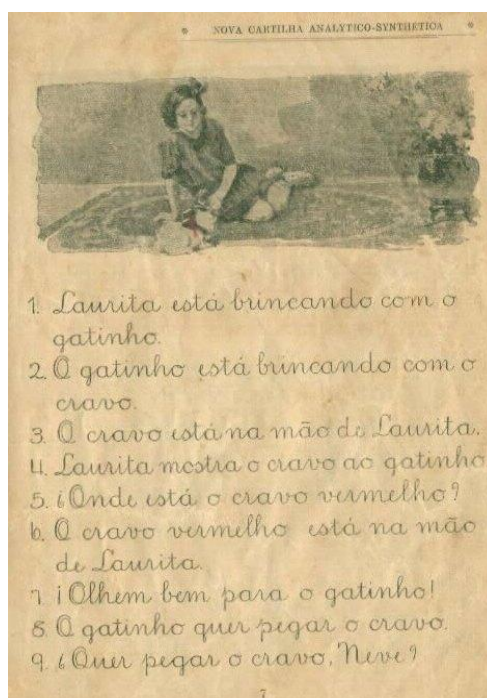
**Figura 25:** Edição 1948. A ilustração

Há um texto sobre a menina e um gato, que reforça a representação imagética. Ilustrativamente, a menina é associada diretamente ao gato( e sua “delicadeza”) e ao ambiente doméstico.

é praticamente a mesma. Coma diferenças referentes ao cenário( não aparece o sofá da outra edição), e ao traçado do desenho. Existem traços que remetem a um dinamismo maior, se compararmos com a imagem da edição anterior. Mas, ainda sim a menina aparece associada ao gato e portando laço e vestido.



**Figura 26** OLIVEIRA, Mariano de.  
*Nova cartilha analítico sintética.*  
 1923, 27ª edição. p.6.



**Figura 27** OLIVEIRA, Mariano de.  
*Nova cartilha analítico sintética.*  
 1923, 27ª edição, p. 7.

Nas figuras 26 e 27, (edição de 1923), a menina aparece interagindo com o gato, brincando com ele em ambientes internos (há um tapete que denota isso). A menina é representada em gestos delicados, demonstrando, ao mesmo tempo atenção. A descrição do ambiente é um pouco detalhista, sendo uma das figuras e cores. Segundo o texto e à figura 26, a menina dá um cravo ao gato, para que ele possa brincar. Isso vai em consonância com alguns modelos “ideais” “da época, que demonstra a associação da

mulher a elementos domésticos, e ao decorativismo, sendo que o cravo era uma flor que compunha o cenário da historieta.



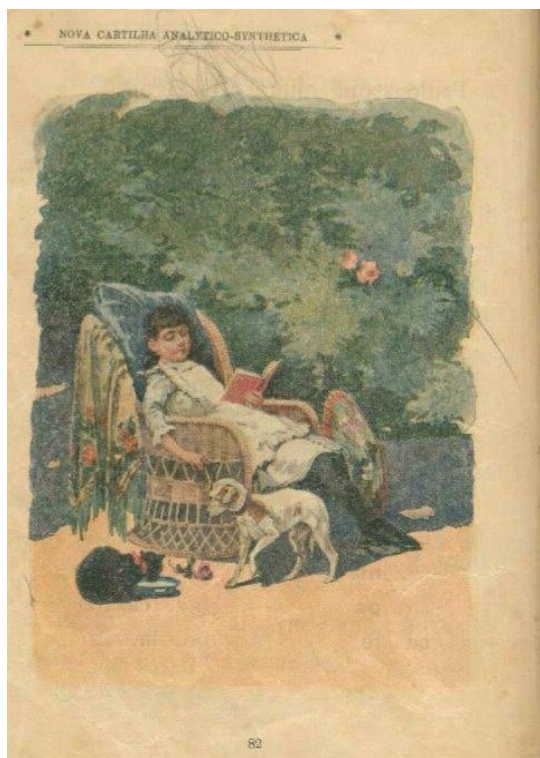
**Figura 28:** OLIVEIRA, Mariano de. *Nova cartilha analítico sintética*. 1948. 157<sup>a</sup> edição. pp. 4, 5.

Nesta figura, assim como naquela de 1923, a menina também brinca com o gato e dá um cravo a ele. Todavia, aqui os traços são mais dinâmicos, fazendo a quase totalidade da composição da figura através dos contornos, diferentemente da outra edição em que a volumetria da figura é feita em totalidade por preenchimento de cores ou mesmo em preto e branco. Os traços da personagem são mais visíveis. A ênfase é dada na ação, com pouca descrição cenográfica, diferentemente daquela anterior. O que permanece é a associação da mulher ao gato, considerado um animal delicado passivo.

O mesmo aferido nas figuras 27 e 28, pode ser verificado naquelas de número: 29 e 30, posicionadas abaixo, sendo que elas demonstram mais um fator: o hábito da leitura<sup>32</sup>. Considerado como “enobrecedor”, em épocas em que nem todos tinham oportunidade

<sup>32</sup> O hábito da leitura, principalmente por parte das mulheres era considerado como fator relacionado a sua ilustração, sua “alta educação”, e também como um gesto de enobrecimento. Por muito tempo foi único das elites que tinham condições de importar livros, e comprar obras escolares que por muitas vezes, não eram acessíveis.

de praticá-lo, em decorrência não somente do acesso escolar a todos, como também de questões referentes às mobilidades das classes sociais e seus acessos a livros. Novamente, nos deparamos com uma imagem idealizada.



**Figura 29** OLIVEIRA, Mariano de.

*Nova Cartilha analítico sintética.*

1923, 27ª edição, p 82.

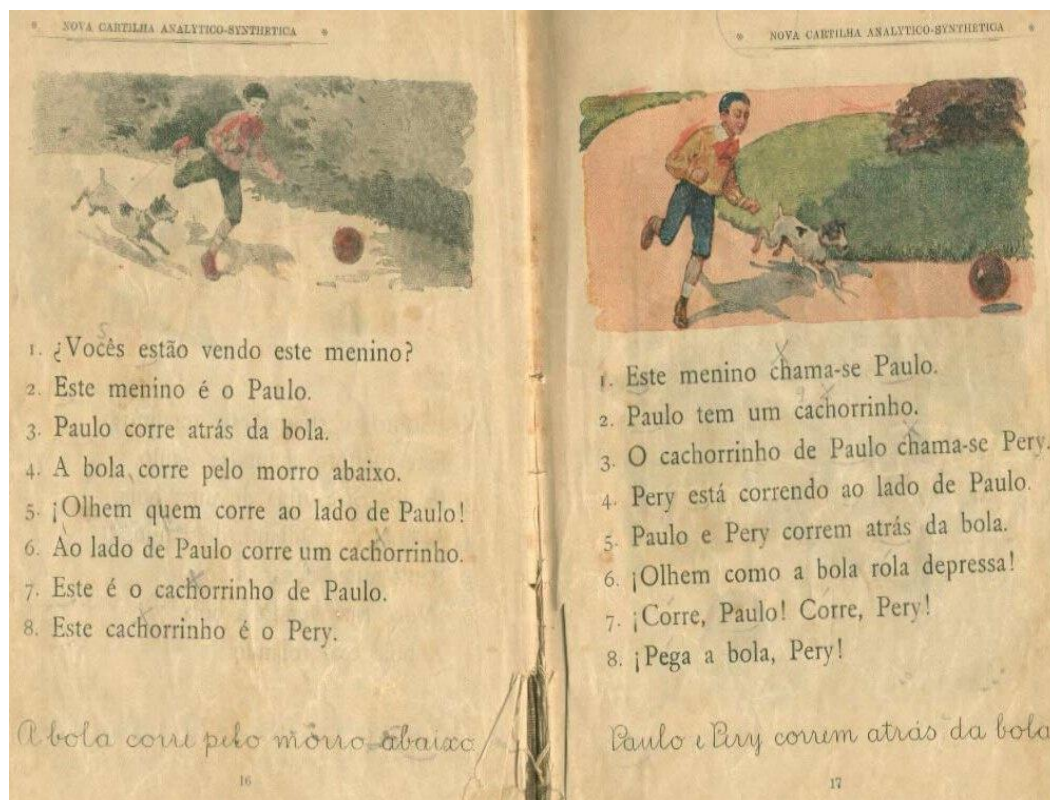


**Figura 30** OLIVEIRA, Mariano de.

*Nova Cartilha analítico sintética.*

1948, 157ª edição. p.73.





**Figura 31:** OLIVEIRA, Mariano de. *Nova Cartilha analítico sintética*. 1923, 27<sup>a</sup> edição. pp. 16, 17.

Aqui o menino aparece interagindo com o cãozinho e brincando com a bola em um ambiente externo, aparentemente um jardim. A idéia de movimento, dinamicidade e liberdade de certa forma estão nítidas na representação, naturalizando a idéia de que os meninos tinham direito de usufruir de espaços externos e públicos com mais freqüência que as meninas. Aqui estão legitimadas não só essas categorias, como também aquela referente à associação do masculino aos animais velozes, com ímpeto e etc, sendo o cachorro um deles. A vestimenta do garoto se assemelha muito à moda européia que estava em voga na época para as crianças do sexo masculino ou seja: conjunto formado por camisas de manga longa, bermuda, meias brancas e sapatos. As lojas<sup>33</sup> que vendiam “moda” naquele período as tinham como padrão anunciado.

<sup>33</sup> A Casa Alemã, Mappin Stores, (em São Paulo), entre outras.



**Figura 32:** OLIVEIRA, Mariano de. *Nova Cartilha analítico sintética*. 1948, 157<sup>a</sup> edição. pp. 13, 14.

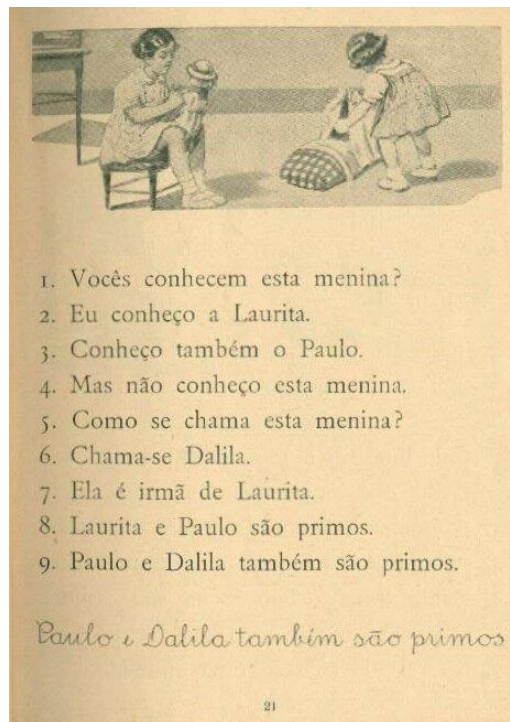
A representação do mesmo menino correndo atrás da esfera com seu cachorro. Entretanto aqui, novamente os traços chamam a atenção. A edição de 1948 é praticamente toda formada por figuras nas quais os contornos é que conferem volumetria e “movimento” às personagens representadas figurativamente. Nesta imagem, apesar de a “intenção” ser a mesma da de 1923, a representação muda um pouco. O menino tem traços mais infantilizados, e o cenário já não parece tanto com um jardim, e sim com um campo. Mas as idéias “principais” permanecem: a associação do masculino ao publico e ao dinamismo.



**Figura 33-** OLIVEIRA, Mariano de.

*Nova Cartilha analítico sintética.*

1923, 27ª edição. p 25.



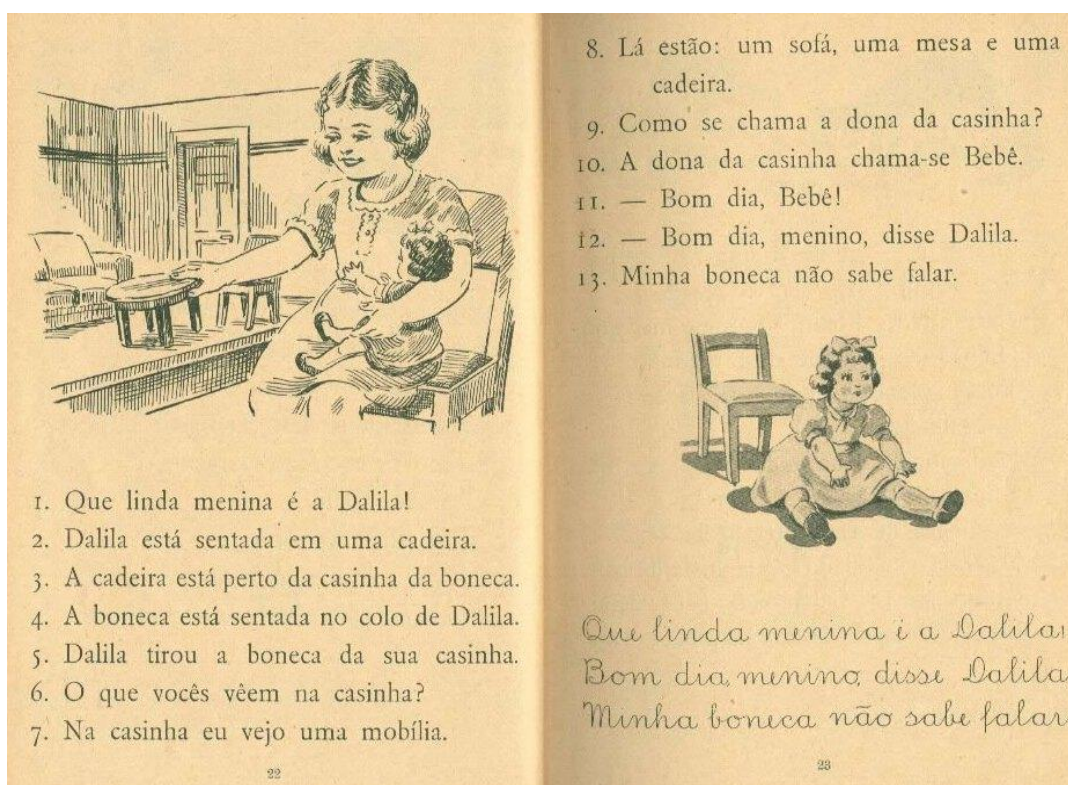
**Figura 34-** OLIVEIRA, Mariano de

*Nova Cartilha analítico sintética.*

1948, 157ª edição, p. 21.





**Figura 35-** OLIVEIRA, Mariano de. *Nova Cartilha analítico sintética*. 1923, 27<sup>a</sup> edição. pp. 28, 29.



**Figura 36-** OLIVEIRA, Mariano de. *Nova Cartilha analítico sintética*. 1948, 157<sup>a</sup> edição. pp 22, 23.

NOVA CARTILHA ANALYTICO-SYNTHETICA

1. Eu conheço esta menina.
2. Ella chama-se Dalila.
3. Dalila é irman de Laurita.
4. Laurita e Paulo são primos.
5. ¿Paulo tem alguma outra prima?
6. Tem, sim; Dalila também é prima de Paulo.
7. Dalila é a menina que trata do Malhado.
8. ¿Malhado e Neve também são primos?
9. Não! Malhado e Neve são irmãos.
10. ¿Você se lembra do que fez Neve?
11. Elle deu um tapinha no cravo vermelho.
12. Também elle queria pegar a bola.
13. Neve é um gatinho muito peralta.

Laurita e Paulo são primos.



31

**Figura 37-** OLIVEIRA, Mariano de.

*Nova Cartilha analítico sintética.*

1923, 27ª edição. p 31.

1. Eu conheço esta menina.
2. Ela chama-se Dalila.
3. Dalila é irmã de Laurita.
4. Laurita e Paulo são primos.
5. Paulo tem alguma outra prima?
6. Tem, sim; Dalila também é prima de Paulo.
7. Dalila é a menina que trata do Malhado.
8. Malhado e Neve também são primos?
9. Não! Malhado e Neve são irmãos.
10. Você se lembra do que fez Neve?
11. Ele deu um tapinha no cravo vermelho.
12. Também ele queria pegar a bola.
13. Neve é um gatinho muito peralta.

Laurita e Paulo são primos.

27

**Figura 38-** OLIVEIRA, Mariano de.

*Nova Cartilha analítico sintética.*

1948, 157ª edição. p 27.

NOVA CARTILHA ANALYTICO-SYNTHETICA



1. Aqui estão duas meninas.
2. Cada menina tem a sua boneca.
3. ¿Você conhece a menina de vestido branco?
4. A menina de vestido branco é a Clarinha.
5. Clarinha está sentada no sofá.
6. Ella está tomando café com leite.

33



1. Aqui estão duas meninas.
2. Cada menina tem a sua boneca.
3. Você conhece a menina de vestido branco?
4. A menina de vestido branco é a Clarinha.
5. Clarinha está sentada no sofá.
6. Ela está tomando café com leite.

33

2 Nova Cart. Anal. Sintética

**Figura 39** OLIVEIRA, Mariano de.*Nova Cartilha analítico sintética.* 1923.

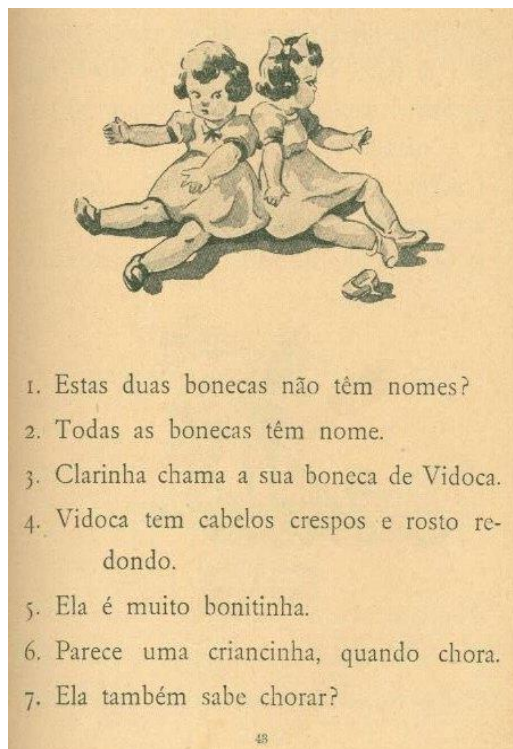
27ª edição. p. 28

**Figura 41** OLIVEIRA, Mariano de.*Nova Cartilha analítico sintética.*

1923, 27ª edição. p. 48.

**Figura 40** OLIVEIRA Mariano de.*Nova Cartilha analítico sintética.*

157 edição. p. 33

**Figura 42** OLIVEIRA, Mariano de.*Nova Cartilha analítico sintética.*

1948, 157ª edição. p. 48.

As figuras de número 33 à 42 fazem alusão a um “modelo” de comportamento feminino. As meninas são representadas próximas à “casinhas” e/ou bonecas, o que entra em consonância com as ideologias vigentes nos períodos por nós estudados. A idéia geral que se tem é aquela de que a mulher esta associada ao lar, ao doméstico e aos cuidados com as crianças, que nas imagens, são “substituídas” por bonecas. As mudanças que ocorrem de uma edição para outra são relacionados às características compositivas, mudando não a intencionalidade das ilustrações, mas sim elementos como o traçado e as vestimentas bem como o preenchimento por cores. Todavia, o que

notamos é que a idéia de que o feminino é associado ao delicado, passivo, doméstico e cuidadoso permanecem, mesmo com a diferença de vinte e cinco anos entre as edições.

Nos anos 1920 os manuais de etiqueta e as revistas, tais como a *Revista feminina, Fonfon*, Não só demonstravam como alimentavam as idéias de que a mulher devia cuidar do lar e di si mesma, no sentido de “embelezar” os ambientes e torná-los saudáveis e higiênicos, agradáveis ao olhar. Ela mesma, muitas vezes era representada não só como um pilar importante de construção de tais cenários como também um elemento compositivo, fazendo parte dessa “decoreação”. Sua beleza deveria ser genuína, e delicada, não sendo comprometida pela “vida moderna” que cobrava presença em eventos privados, públicos e etc. A modernidade devia ser usada a seu favor, contribuindo para tais ideais.

Na década de 1940, tal ideal permanece e tem uma maior contribuição. Quando se fala em cultura escolar, a legislação e os projetos pedagógicos foram grandes responsáveis por determinadas “construções culturais”. Costuma-se dizer que nesse período em pleno Estado –Novo (no Brasil), existiram dois projetos “político-pedagógicos”, sendo um para as classes populares e o outro para as elites. Apesar de suas particularidades um ideal se mantinha uniforme: a construção de um “homem novo” um cidadão ideal para um tipo de Estado nacional que estava nascendo. Segundo Gustavo Capanema na Exposição de Motivos da Lei Orgânica do Ensino Secundário<sup>34</sup>, “*formar a personalidade, adaptar o ser humano, às exigências da sociedade, socializá-lo, constitui finalidade de toda espécie de educação*” (RBEP, n2, v.5, nov 1944). Logo, notamos quais eram as projeções. As idéias de que a mulher era a base familiar, enquanto o homem seria sustentáculo, estão presentes tanto no corpo textual das obras didáticas quanto nos imagéticos, se articulando. A família como estrutura que valoriza a pátria, a educação e o trabalho são representações de caráter idealizado, e que demonstra uma “realidade” muito diferente daquela vivida por muitas pessoas. A educação formal, por intermédio de seus programas seria uma forma de fomentar e legitimar tais princípios, colocando uma carga moralizante em seus conteúdos.

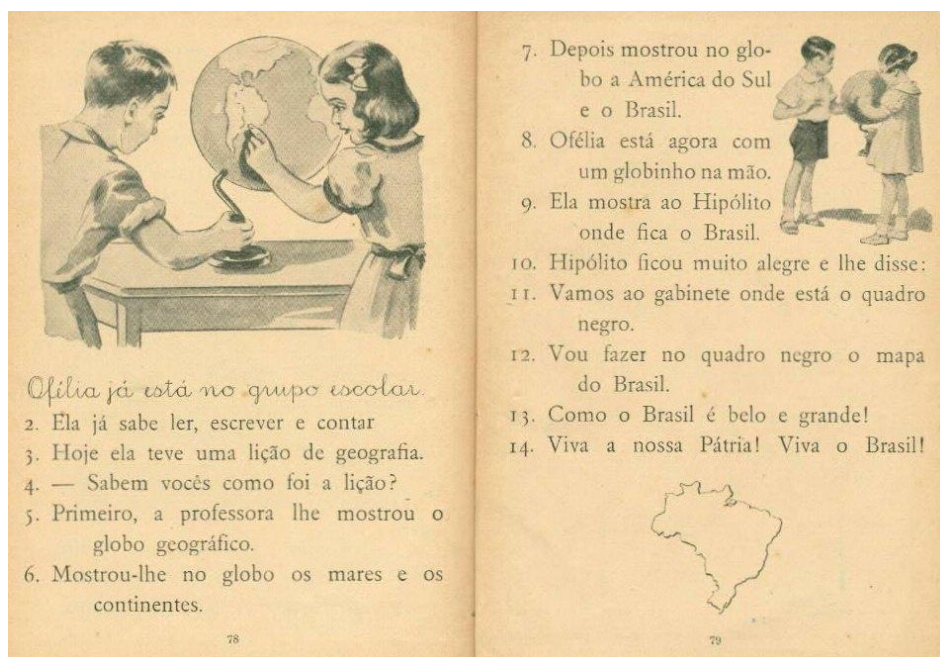
---

<sup>34</sup> Apesar de referir-se ao ensino secundário tal lei tem elementos que se assemelham aos objetivos concernentes ao ensino primário.



**Figura 42** OLIVEIRA, Mariano de. *Nova Cartilha analítico sintética*.

1923, 27ª edição. pp. 86, 87.



**Figura 43** OLIVEIRA, Mariano de. *Nova Cartilha analítico sintética*.

1948, 157ª edição. pp. 78, 79.



As figuras de número 42 e 43 demonstram a “apreensão” de conteúdos de uma aula por parte de dois alunos de um grupo escolar. Nessas imagens, o menino e a menina aparecem juntos, olhando para um globo terrestre. O compartilhamento de momentos como este denota que no ambiente escolar determinados momentos eram vivenciados em igualdade tanto pelos indivíduos masculinos quanto femininos. Tanto na imagem como no texto não notamos nenhum elemento incisivamente diferenciador. A não ser as roupas de cada um e as atitudes, pois o menino “toma” a iniciativa de ir desenhar no quadro negro um mapa do Brasil, o que demonstra a categoria que classifica o masculino como “ativo” e decisório.

## Conclusão

Por meio dos estudos notamos que determinadas categorias de representação de gênero em textos e imagens tem o que poderíamos chamar de estrutura de “longa duração”. Existem permanências que transcendem anos, décadas e/ou mesmo projetos e propostas educacionais. No período e corpus documental por nós estudado, as meninas, por exemplo, são representadas em sua maioria relacionadas ao ambiente doméstico, à brincadeiras em ambientes internos, com casinhas, bonecas, são associadas ao cuidado e à delicadeza; Já os homens, rapazes e meninos aparecem de uma maneira geral estudando, caminhando em ambientes externos (desacompanhados, diferentemente das meninas), trabalhando e associados à boa conduta e “distinção”.

Percebemos que muitas das características, comportamentos e tarefas atribuídas a cada uma das figuras contidas nas ilustrações e nos textos, demonstram o que é dito por Scott (1991), que entende o conceito de gênero tanto como:

símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações muitas delas contraditórias quanto como conceitos normativos que tomam, comumente, uma oposição binária entre masculino e feminino. Indo além da idéia binária de dois sexos e dois gêneros, Scott (..) compreende gênero numa perspectiva relacional, como categoria política e histórica.

Ou seja: muitas das representações e construções tem influência de elementos sociais, culturais, históricos como também contribuem para eles.

Nos livros que estamos estudando, notamos que essas representações e perspectivas relacionais tem ainda mais importância, pois

A infância é o período de construção de conceitos e valores e segundo Spence (1993) e Graciano (1978) os indivíduos nesta fase estão em processo de formação de sua identidade, incluindo a questão de sua sexualidade. Por sua vez, o livro didático pode ser eficaz na transmissão cultural e constituir-se em elemento de

influência na formação e transformação da identidade dos estudantes (NOSELLA,1979, MARTINS & HOFFMAN, s/d.)

Logo, percebemos a importância que o livro didático tem no processo formativo da criança, fomentando não somente determinados padrões comportamentais e construções relacionadas ao gênero, mas também construções culturais e sociais mais amplas, como aquelas de relação entre classes diferentes, entre grupos diferentes, etc, o que acaba por legitimar determinados elementos que são “oficializados”, demonstrando que o livro didático está num ambiente muito mais dinâmico, sendo que a escola é o seu principal, mas ainda sim ultrapassa “os muros da escola”, para ser construído e para construir. Ele não somente fornece “imagens”, mas é também um reflexo do mundo que o cerca, pois é fomentado ou não por determinados projetos políticos, pedagógicos, educacionais, econômicos, trazendo elementos que correspondem à dinâmica social, comportamental e de poder.

## Bibliografia e referências bibliográficas

- ALVIM, Z; PEIRÃO, **Mappin setenta anos**. São Paulo: Ex-Libris, 1985.
- ARAÚJO, F. D & MARTINS, A.B. Livros **didáticos das décadas de 20 a 50**. Construções de gênero. s/d. Projeto de pesquisa fomentado pela FAPEMIG.
- CARVALHO, V.C. D. **Gênero e Artefato**: O sistema doméstico na perspectiva da cultura material- São Paulo, 1870-1920. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp , 2008.
- BIITENCOURT, C.M.F. **Pátria, Civilização e trabalho**: O ensino de História nas escolas paulistas, (1917-1939). São Paulo, Edições Loyola.
- CASAGRANDE, L.S & CARVALHO, M.G.D **Educando as novas gerações**: Representações de gênero nos livros didáticos de matemática. Trabalho apresentado no GT de: Gênero, m sexualidade e Educação,n. 23. s/d.
- DEIRÓ, M.L.C. As elas mentiras: a ideologia subjacente nos livros didáticos. 13 ed. São Paulo, Centauro 2005.
- MARTINS, E.D.F. & HOFFMANN, Z. **Os papéis de gênero nos livros didáticos de ciências**.s/d.
- MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização o Brasil**. Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 27/04/2006.
- OLIVEIRA, L.C.V. **O projeto educacional do Estado Novo a partir das revistas Cultura política e RBEP**. Universidade Metodista de São Paulo. s/d.
- PIRES, S. **Representações de gênero em ilustrações de livros didáticos**. in: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=608>. publicado em: 07/11/2004 à 18:13:00. Consultado em: 29/06/2011 às 17:00 hs.
- PAECHTER, C. **Meninos e meninas**: Aprendendo sobre masculinidades e feminidades. Trad. Rita Terezinha Schmidt. Porto Alegre, Artmed, 2009.

SANTOS, E. S. **A caminho do lar:** A narrativa dos anúncios de eletrodomésticos. Tese de doutorado, PUC, 2009.

SOUZA, J. F. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil.** In: 22º Reunião Anual da ANPEd, 1999, Caxambu - MG. Anais da 22º Reunião Anual da ANPEd, 1999. p. 235.

SOUZA, R. F. D. **Vínculos do feminino:** Puericultura e relações de gênero. ( 1920-1940). Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo no ano de 2004.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. Câmara (Org). **Histórias e memórias da educação no Brasil – Séc XX.** Petrópolis: Vozes, 2005.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: Silva Tomaz Tadeu da. ( Org) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Vozes, 2000.p.7-72.

WALTY, Ivete L. C.; FONSECA, MARIA N. S.; CURY, MARIA Z. F. **Palavra e imagem: leituras cruzadas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

**Anexos:**

## Livros didáticos analisados na pesquisa

<b>Título:</b>	<b>Coleção:</b>	<b>Autor (a)</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Editora</b>	<b>Nível de ensino</b>
Cartilha Bandeirante	Coleção bandeirante	Profª Julieta Nogueira	1936, 1ª edição	Impresso na Typographia São José	Curso primário
Cartilha das crianças	Não consta	Clarí Galvão de Novais Rocha	1943 , 43ª edição	Edições Melhoramentos	Curso Primário
Cartilha das crianças	Não consta	Clarí Galvão de Novais Rocha	1943 , 45ª edição	Edições Melhoramentos	Curso Primário
Cartilha do Lar	Não consta	J. Pinto e Silva	192-.	Não consta	Ensino Primário
Corações de Crianças, 3º livro	Não consta	Rita de M. Barretto	1945	Livraria Francisco Alves	Escola primária
Coração Infantil	Não consta	Vicente Peixoto	1949	Companhia Editora Nacional	Curso primário, 1º ano
Composições escolares	Não Consta	Antônio Pedro Wolff	1950	Livraria Francisco Alves	Escola Primária, 1º ano.

Nova Cartilha Analytico Synthetica	Não consta	Mariano de Oliveira	1923, 27 <sup>a</sup> edição	Editores proprietários: Irmãos Weiszelog	Nível primário.
Nova Cartilha Analítico Sintética	Não consta	Mariano de Oliveira	1948, 162 <sup>a</sup> edição	Edições melhoramentos	Escola primária

